

REVISTA EDIÇÃO Nº 108 | JUNHO DE 2024

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS

SSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

CONFIRA DICAS PARA LEITURA, DICAS DE ANTOLOGIAS E MUITO MAIS...



EDIÇÃO 108



ÍNDICE CONTÉÚDO



- Expediente, pág. 03**
- Editorial, por Ademir Pascale, pág. 04**
- Departamentos, por Bert Jr., pág. 06**
- Poema: Café da manhã, por Bert Jr., pág. 11**
- Plantas de São João, por Elidiomar Ribeiro da Silva, pág. 12**
- Poema: Ao Norte do Silêncio, por Fauno Mendonça, pág. 15**
- Poema: Lerdeza, por Sellma Luanny, pág. 18**
- E o psiquiatra receitou... Literatura?, por Clarissa Machado, pág. 19**
- Dicas para leitura, pág. 26**
- Poema: Para mim, por Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 27**
- Poema: Senta aqui, amigo, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 30**
- Poema: Metáfora do silêncio, por Janete Santos Silva, pág. 32**
- Resenha: Culpa e angústia - A busca pela liberdade, por Emerson Pagnussat, pág. 36**
- Poemas e minicontos de Flavio Joppert, pág. 42**
- Poema: Não deu certo, por Valério Maronni, pág. 46**
- Entrevista com Aline Abreu Santana, pág. 57**
- Entrevista com Natália Macedo, pág. 62**
- Entrevista com Ramon Felipe, pág. 66**
- Citações de grandes autores, pág. 72**
- Conto: O predador, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 77**
- Conto: Xadrez, por Idicampos, pág. 82**
- Conto: Uma viagem, por Iraci J. Marin, pág. 85**
- Conto: Chiara, por Míriam Santiago, pág. 89**
- Conto: Abaçaraiteúna, por Ney Alencar, pág. 95**
- Conto: Gonjiro, por Roberto Schima, pág. 99**
- Conto: O primeiro caso, por Luiz F. Haiml, pág. 107**
- Conto: Passos para o cosmos - Parte VIII, por Sellma Luanny, pág. 111**
- Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 120**



NESTA EDIÇÃO

Dicas para leitura

Entrevistas

Artigos

Poemas e Contos

MARIO QUINTANA

“Minha vida está nos meus poemas, meus poemas são eu mesmo, nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão.”

CLARICE LISPECTOR

“A palavra é meu domínio sobre o mundo.”

QUEM FAZ A REVISTA

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademir@divulgalivros.org

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA O NOSSO SITE: www.revistaconexaoliteratura.com.br

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura® é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/edicoes-da-revista

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/midia-kit

CONTATO:  ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd



conexaogramatica

EDITORIAL

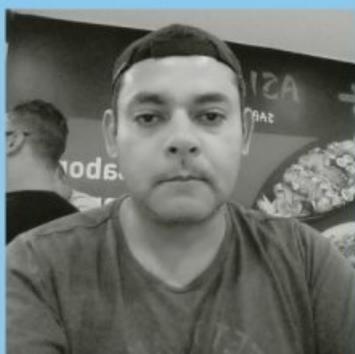
Querido(a) leitor(a)!

Início o editorial de junho com a seguinte frase: *leia mais e incentive um autor nacional*. E por que temos que ler mais? Porque expandimos o nosso conhecimento, enriquecemos o nosso vocabulário, passamos a ter novas ideias e enxergamos mais o que está ao nosso redor. E isso certamente abrirá novos caminhos. E nada melhor do que começar com um livro de um autor nacional, incentivando mais a nossa cultura e dando apoio para nossos irmãos brasileiros, pois grande parte da nossa mídia cede destaque mais para o entretenimento, como música, filmes, reality, futebol, etc., e não que isso não seja importante, mas é necessário dar mais espaço para os livros e os autores nacionais, incentivando as pessoas para que tornem a leitura um hábito em suas vidas.

Fica a dica ;)

Para saber como participar da nossa edição de julho/2024: [clique aqui](#).

Tenha uma ótima leitura!



Ademir Pascale
EDITOR



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS MARÍTIMOS

POEMAS SOBRE O MAR - VOL. IV

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

E-BOOK

POEMAS
MARÍTIMOS



POEMAS SOBRE O MAR - VOL. IV

saiba mais: clique aqui



DEPARTAMENTOS

POR BERT JR.



A sala é ampla, iluminada com lâmpadas compridas de luz branca. Em volta, roupas penduradas em estruturas metálicas, umas retas, outras circulares, aos montes. O cheiro não é familiar, assim como o rosto da moça que se aproxima, sorridente.

— A senhora escolheu essa? Quer provar?

Um mal estar me atinge de leve. Tenho vontade de sentar, então percebo que seguro uma calça na mão esquerda. Deve ser folgada, porque é de algodão, cor de leite coalhado, de amarrar com cordão de tecido no tornozelo.

— Não sei. Pensava... talvez um jeans.

A moça imediatamente responde “Claro!”, e eu digo “Mais pra escuro”, e rimos, as duas, da ambiguidade da palavra claro naquele contexto. “Venha comigo, que eu vou lhe mostrar o que temos”, diz ela. Então me leva até um cabideiro duplo, de dois níveis de altura, junto a uma parede lateral, e vai retirando um jeans atrás do outro, dizendo: temos esse, mais este outro, assim mais claro, assim também, mais escuro, e este intermediário, clássico, ou um levemente desbotado, ou assim, com elastano, que dá aquele realce nas formas, e sinto vontade de sumir, porque nada me provoca a menor faísca de interesse.

— Desculpe, qual é o seu nome? Vanda, você é muito gentil, mas eu lembrei que preciso comprar uma coisa na seção masculina, é pro meu marido.

Digo então à Vanda para deixar separadas duas calças, uma de tecido tradicional e a de elastano, embora duvidando que fosse retornar ali e comprar qualquer uma delas, especialmente a de elastano, que me faria sentir incômoda.

Enquanto me dirijo à seção de moda masculina, me dou conta de que sei como ficaria incômoda numa calça de elastano e, ao mesmo tempo, não tenho ideia do que estou fazendo numa loja de departamentos.

Subo um andar, conforme indicado, e me vejo no meio de ternos, camisas, blazers, jaquetas, manequins engravatados e sem gravata, sendo atravessada por uma sensação diferente da que tive no andar de baixo. O rapaz bonito que se aproxima veste uma camisa azul acetinada, com calça social de tom grafite, cinto e sapatos pretos. Procuro meu marido naquele corpo, naqueles dentes perolados, e nada.

— Você está precisando de ajuda?

A frase me soa familiar, porém chega transportada numa entonação estranha, um tanto estridente, metálica, que me recorda um garoto na fase inicial da puberdade, e eu esperando uma voz aveludada, ligeiramente grave, de domador de cavalos selvagens em filme americano.

— Quero ver umas roupas para... — sinto vontade de dizer que não sei se tenho marido, mas receio que o rapaz me julgue meio tantã — ...para um amigo meu.

O rapaz me pergunta no que estou pensando, e eu quase respondo que não estou pensando em nada em particular, apenas me vem um desejo de descobrir algo que ainda

não sei o que é, de experimentar, sair do casulo, romper a película do já visto, do já sentido, de ensaiar um papel diferente, como fazem as atrizes de teatro ou de cinema.

— Estava pensando em provar umas peças. O meu amigo e eu temos praticamente o mesmo corpo.

Percebo que o sorriso do rapaz congela durante alguns segundos, enquanto ele pisca algumas vezes, até dizer: “Ótimo. Tudo bem. Por que não escolhe as peças que quer provar? Volto num instante.” Escolho as roupas vendo ele se embrenhar na ala dos provadores, decerto para se certificar de que um deles esteja desocupado, de preferência um de canto, o mais escondido possível.

Seleciono várias peças. Não lembro de ter compromisso, portanto não tenho nenhum apuro. O rapaz me ajuda a levar a feira até o provador. Depois de muito tira e põe, põe e tira, encontro a combinação que mais me agrada: calça social cinza escuro, camisa azul intermediário acetinada, idêntica à do rapaz, e blazer esportivo cinza claro. “Falta algo”, digo ao rapaz. Ele pensa, vai procurar e volta com um colete preto nas mãos. Coloco o colete debaixo do blazer e tudo parece fazer sentido.

— Levo o conjunto todo. Nem precisa embrulhar, vou sair vestida desse jeito.

O rapaz pergunta se deve colocar a minha roupa de antes na sacola e digo que não, que pode doar para alguma servente de limpeza da loja. Ele faz que sim com a cabeça, mas sei que desaprova, que no fundo acha muito esquisito tudo isso, e sei que ele pensa assim porque já não sorri, apenas espreme os lábios, baixando as vistas. Para arrematar, entrego a ele minhas sandálias, para que jogue na sacola, juntamente com as roupas a serem doadas.

Desço descalça até o andar de baixo, onde novamente encontro a Vanda, que me olha assustada como se visse uma aparição sobrenatural no meio do corredor.

— Então, Vanda, gostou da produção?

Ela responde “Diferente, não?”, e eu concordo, acrescentando “Ainda bem”. Digo a ela para esquecer as calças que tinham ficado separadas, pois do que preciso agora é de botas de cano baixo e uma echarpe para amarrar no pescoço.

A Vanda se empenha em me mostrar os modelos de bota, e eu acabo escolhendo uma de couro preto, com salto 8cm. Em seguida, do alto do meu recém-adquirido 1.75m de altura, provo uma echarpe laranja, com detalhes esfumados azul marinho, que amarro em modo de gravata.

— A senhora não quer provar um chapéu?

Penso que a Vanda está me saindo melhor que a encomenda. Ela entende a minha aprovação e me conduz à seção dos chapéus. Bato o olho num de fibra vegetal, cor de tijolo. “Esse!”

Completo a compra com alívio, ao ver que o cartão de crédito passa sem nenhum problema.

Saio da loja para a calçada e os olhares convergem sobre mim como se eu fosse uma celebridade, curiosos para saber quem é essa, de onde a conhecem. Mas ainda não me reconhecem, porque sou estreante.

Caminho à procura de um táxi, para me dirigir a um endereço que vem emergindo da memória. Entro no veículo e falo para o motorista me levar ao bairro tal, rua tal. Ele pergunta o número da residência e eu digo que chegando lá, mostro onde é. Ele dá partida e eu giro o corpo para olhar o shopping se afastando de mim. Aquela loja ainda tem outros departamentos a explorar: o de esportes, o de mobiliário, o infantil... Sinto que a aventura irá continuar.

Por ora, vou conferir se tenho mesmo marido.



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduiu-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Como diplomata, tem vivido em diferentes países. É autor de dois livros de contos, três de poesia, e um de crônicas humorísticas. Sua estreia no romance se dá com *Antes do fim do riso* (ed. Oito e Meio, 2024). É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @_bertjunior.

Facebook: Bert Jr.

Site: www.bertjr.com.br.

20
24

YOUTUBE

LITERATURA,
CURIOSIDADES E
MISTÉRIOS



● NOVOS VÍDEOS NO CANAL

CONEXÃO

NERD

www.youtube.com/conexaonerd

APRESENTADO
POR ADEMIR PASCALE



Café

Por Bert Jr.

da manhã



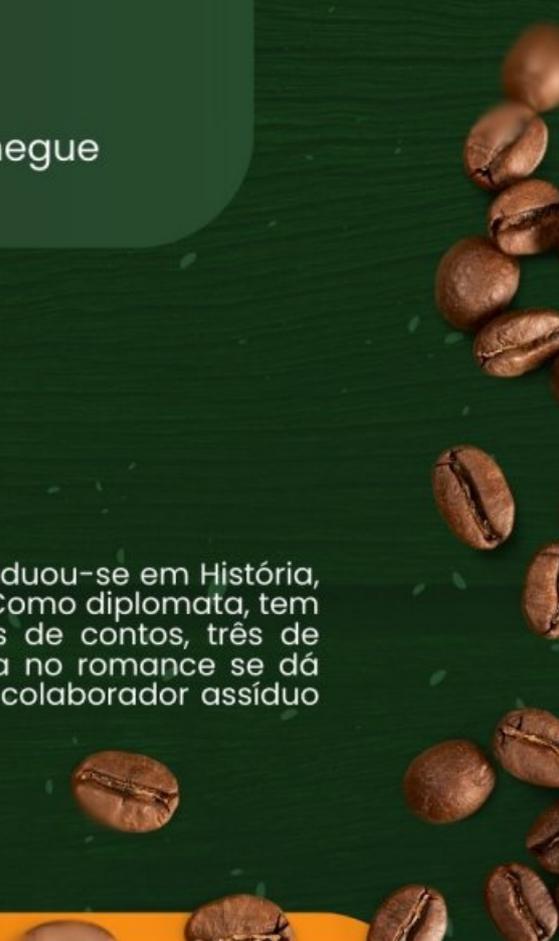
A névoa hidrogenada
se espalha sobre as fatias
chamadas dias
- partes de um pão oblongo
que nunca sacia -
enquanto se espera que o sonho chegue
com farto recheio de creme

Sobre o autor: Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Como diplomata, tem vivido em diferentes países. É autor de dois livros de contos, três de poesia, e um de crônicas humorísticas. Sua estreia no romance se dá com *Antes do fim do riso* (ed. Oito e Meio, 2024). É colaborador assíduo da revista eletrônica *Conexão Literatura*.

Instagram: @_bertjunior.

Facebook: Bert Jr.

Site: www.bertjr.com.br.





PLANTAS DE

SÃO JOÃO

POR ELIDIOMAR RIBEIRO DA
SILVA





São João, tempo de festa
De fogueiras e de dança
Bandeirinhas coloridas
E de muita comilança
Para além de todo encanto
Plantas agradam ao santo
Simbolizando bonança

De melão é a capela
Do tão querido João
Os cravos vêm enfeitar
Folhas de manjerição
E ainda tem as rosas
Flores muito perfumosas
Completando a comunhão

Dois gigantes se destacam
Na culinária festeira
Com milho, faz-se de tudo
Doces da mesa inteira
Mas em folha ou farinha
Do Brasil é a rainha
Mandioca ou macaxeira

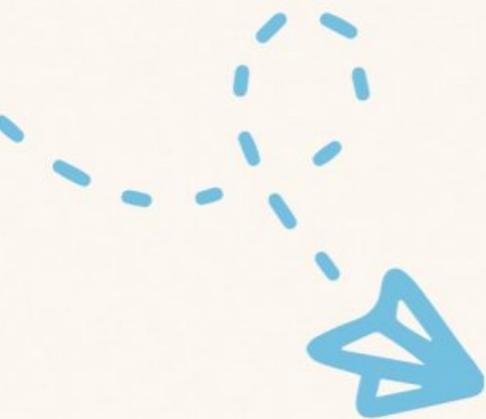
Outras plantas saborosas
Entre milho e mandioca
Dão até água na boca
Amendoim e paçoca
Da uva, quentão de vinho
Da batata, um bolinho
Rala coco, tapioca
Beba suco de laranja
Caipirinha de limão
Caipifruta de morango
As frutas desta estação
Tem também maçã-do-amor
Doce cura qualquer dor
Sabores em profusão

Nas construções e enfeites
O bambu é maioral
As folhas de bananeira
Dão cobertura ao local
Na feitura da fogueira
Reflorestada madeira
Botânica cultural

Sobre o autor:

Elidiomar Ribeiro da Silva é biólogo formado pela UFRJ, mestre e doutor em Zoologia pelo Museu Nacional/UFRJ, professor do Instituto de Biociências da UNIRIO, onde coordena o Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural. Organizador do Colóquio de Zoologia Cultural e da Mostra de Biologia Cultural, é editor-adjunto da revista A Bruxa, editor do zine Homem-Leoa, colunista do portal Fauna News e participante do podcast Silvestres.





REVISTA CONEXÃO LITERATURA

**A NOSSA REVISTA VIAJA
NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ**



Ao norte do silêncio

Por Fauno Mendonça

No silêncio ouço melhor. No silêncio vejo e entendo com maior compreensão coisas turvas do caminhar. E para o norte do silêncio absoluto irei um dia em definitivo para descansar.

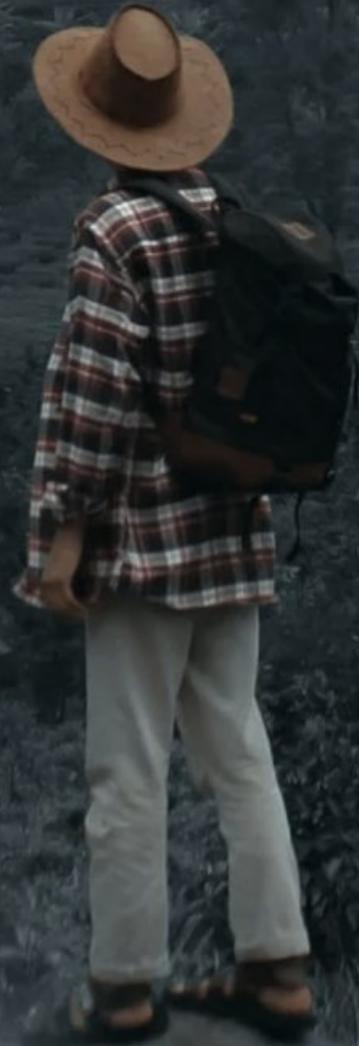
Só no silêncio há discernimento verdadeiro dos sons que atrapalham as vivências; só no silêncio pode-se perceber a ausência de sentido das grandes ou pequenas coisas que, na grande maioria, não têm valor para abrandar a alma. No recolhimento há a redenção almejada, que se esconde em algum lugar onde existe o medo. E enquanto houver matéria, o remanso da ausência de rumor acalantarás as brasas do coração e dará forças para não ter receios da vida ou da morte.

Muitos temem a introspecção por se assemelhar a uma estrada sinuosa e traiçoeira, mas na verdade, o grande temor é enxergar a si mesmo, pois na lacuna de luz pode-se ver as fraquezas brilharem brutalmente.

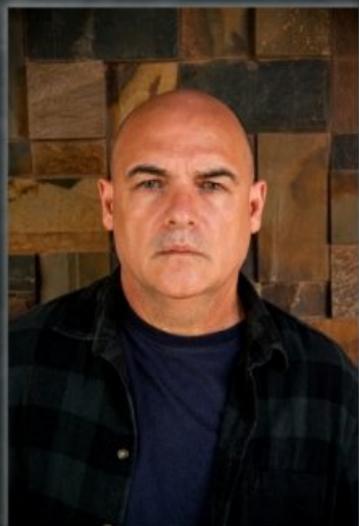
Olhe fixamente o âmago dos pesadelos e sonhos; deixe que as descobertas ali existentes invadam o coração, mantendo a mente suave e a alma tranquila. E quando fizer este movimento interno, talvez você não ouça palavras, mas sentimentos indicarão o melhor rumo ou um despertar dirá mais do que mil vozes. Siga orientado pela quietude, buscando nela a fortaleza de saber que no início não havia nada, só o silêncio.

Não despreze essa realidade, entenda que a força maior não está no plano do mundo exterior, mas no canto sagrado da calma da criatura, no espaço onde não existem balbúrdias humanas.

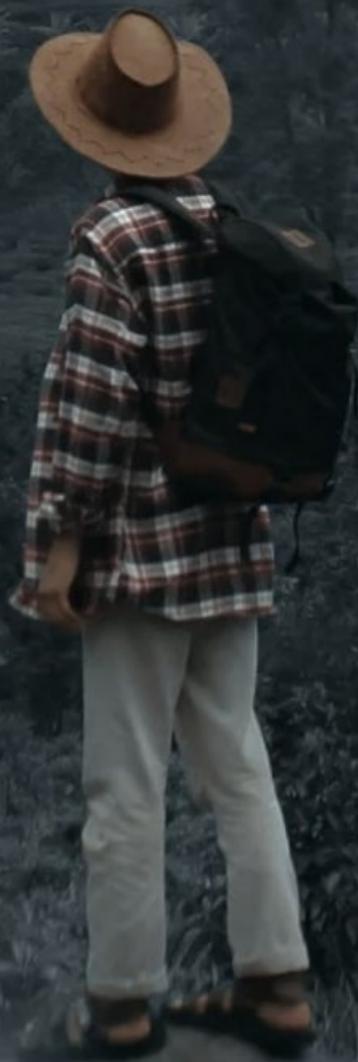
Ao norte do silêncio encontrará a paz para compreender que a origem nos espera para nos lançar ao infinito e talvez, apenas talvez, nos devolver ao finito.



Sobre o autor



Fauno Mendonça, brasileiro, nascido em agosto de 1968, foi advogado e atualmente trabalha no Poder Judiciário. Escreveu "A Busca dos Loucos", "Bragof", "D. e o Procurador", "Encontre-se" e "Ao Norte do Silêncio".



Você não sabe como divulgar

O SEU LIVRO?

O SEU LIVRO?

O SEU LIVRO?



FIQUE TRANQUILO,
NÓS FAZEMOS ISSO
PARA VOCÊ!

DIVULGUE PARA MAIS DE **900 MIL**
LEITORES POR APENAS R\$ 180,00

SAIBA MAIS: **CLIQUE AQUI** ←

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Lerdeza

Por Sellma Luanny

Desengraçado, manhoso e inegável...
no desânimo de ter que enfrentar
o que é tedioso e agrado não traz... e
na redinha ao vento, deixar-me quedar.

Levar-me em forçosa artimanha... das
imagens entreolhadas, esquecer.
Guardar o que a imaginação evoca e
constipar-me por não ingerir aventuras.

Cismar uma vez por outra num descuido...
para suspirosos deleites, num obscuro
canto do cérebro guardados, desfrutar
- ir comer jatobá e chupar jabuticaba.

Sobre a autora: Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

POR CLARISSA MACHADO

E O PSIQUIATRA RECEITOU... Literatura?



MINIBIOGRAFIA DA AUTORA: Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa.

Em 2021, o psiquiatra sul-africano, radicado nos Estados Unidos, Dr. Norman E. Rosenthal surpreendeu muita gente ao prescrever poesia para seus pacientes. Apesar de ser considerado um cientista renomado, ele sofreu inúmeras críticas por não seguir os tratamentos convencionais. Ocorre que, para além de ser um profícuo escritor e um apaixonado por Literatura, Dr. Rosenthal segue uma linha de raciocínio que nada tem de “moderninha” ou “inovadora”, já que o uso da Literatura para fins terapêuticos é uma prática bastante ancestral.

Ao longo dos séculos, as histórias (em verso ou prosa) desempenharam um papel significativo para o ser humano tanto sob o prisma pedagógico quanto psicológico. Por oportuno, cabe realçar que nos primórdios não havia conceitos de saúde mental ou emocional porque afinal de contas ninguém pensava nisso. Logo, a ideia era intuitiva e muito mais simplória: acalmar a alma e o espírito, e ao mesmo tempo, aprender a se portar, a tomar decisões, a mediar conflitos e a manter o equilíbrio.

Historicamente, sabe-se que o uso da Literatura enquanto terapia alternativa remonta ao Antigo Egito, tendo uma sequência exitosa na Grécia Antiga. Contudo, de acordo com os pesquisadores, foi só por volta de 1940, que surgiu oficialmente o uso da biblioteca como um espaço terapêutico. De início, o recurso era destinado a pacientes portadores de distúrbios nervosos, no entanto, com o passar dos anos começou-se a utilizá-lo como preventivo para diferentes condições e para todas as idades. Atualmente, muitos países têm investido (ou melhor, reinvestido) no tema, de modo que vários são os escritores que têm se posicionado em defesa da “Literatura a serviço da saúde”, como por exemplo, a escritora espanhola Sofía Rhei que em sua obra *Espérame En La Última Página* apresenta a ideia de que o livro é a melhor Medicina, e o próprio Dr. Rosenthal com o seu livro *Poesia RX: como 50 poemas inspiradores podem curar e trazer alegria para sua vida*. Recentemente, o prestigiado *El País*, em sua seção de saúde mental, publicou a matéria *La Literatura como antídoto contra la depresión - la poesía y, en general, las bibliotecas deben ser las nuevas farmacias del espíritu* (Juan Arias, 08 de maio de 2024) em que mais uma vez observamos o papel da Literatura para além do entretenimento e em prol da saúde pública. Em efetivo, dezenas de livros escritos na América e na Europa têm trazido em seus títulos os termos Livroterapia, Biblioterapia e Apoteca Literária.

Literatura Medicinal (*Balsamic Literature*, *Literatura Balsámica* ou Literatura Curativa) compõe uma seção da Literatura dedicada à administração de textos literários como um recurso terapêutico eficaz em virtude de reunir certos elementos-chave como Prosódia e, particularmente, os Arquétipos Literários, os quais por suas características específicas promovem uma elevação saudável dos chamados *Hormônios da Felicidade*: dopamina, endorfina, oxitocina e serotonina.

Ativistas e entusiastas literários acompanham de perto o avanço das pesquisas que demonstram o impacto positivo da Literatura na saúde individual e coletiva, com olhar atento aos níveis de felicidade. Um dado que salta aos olhos é que os países em que mais se consome Literatura são aqueles que figuram no *Top 10* dos “Países Mais Felizes do Mundo”. O Relatório Mundial da Felicidade (*World Happiness Report*, ONU, desde 2012)

elencam os países mais felizes do mundo e - pasmem - aqueles que denominamos de *Vikings*, quase sempre imaginados belicosos e frios, lá estão ocupando as primeiras colocações. Qual seria o segredo? “As pessoas leem muito por lá” - é a resposta na ponta da língua. É bem verdade que, para muitos, os altos índices de felicidades devem-se ao que denomino “tesseracto nórdico”, isto é, aquelas oito filosofias de vida à moda escandinava (*Koselig, Friluftsliv, Lillördag, Mysig, Fika, Lagom, Hygge e Lykke*); seja como for, o fato é que em todas elas a Literatura tem seu lugar cativo e a presença dos livros é algo natural, parte integrante da vida cotidiana.

Mas afinal, de que tipo de terapias estamos falando? Qualquer pessoa poderia se beneficiar? Será que basta ter um livro para começar? Para tornar o tema acessível a seguir, traço um sucinto panorama acerca das Terapias Literárias mais conhecidas:

Biblioterapia (*Bibliotherapy*) é uma perspectiva *lato sensu*. Biblio é um prefixo (origem grega; bibl-íon) utilizado em várias línguas (inglês: *Bibliotherapy*, francês: *Bibliothérapie*, alemão: *Bibliotherapie*, norueguês: *Biblioterapi*) que significa "livro". Em português, biblio é o marcador para o substantivo coletivo Biblioteca (conjunto de livros, coleção de livros, reunião de livros). Outros vocábulos com o mesmo prefixo são: biblioteconomia, bibliotecário, bibliografia, bibliodiversidade, bibliófilo. Visto sob este ângulo, na prática, a Biblioterapia concerne a aplicação de um coletivo de livros. Exemplo: livros de contos de fadas. Importa, ainda, assinalar que Biblioterapia é um termo mais utilizado em países de língua inglesa, alemã, norueguesa e portuguesa.

Livroterapia (*Book Therapy*) é uma perspectiva *stricto sensu*. Livro é uma palavra de origem latina (*liber/ libri*) que significa obra de cunho literário, artístico, intelectual e científico. Nesta esteira de raciocínio, a Livroterapia reporta-se à aplicação da obra de um único autor. Exemplo: livros de Liev Tolstoy (inclusive há um livro chamado *Tolstoy Therapy, a fiction prescription*). Por fim, saliento que Livroterapia é um termo mais utilizado em países de língua espanhola, basca, italiana, corsa e galega.

Contoterapia (*Story Therapy*) é o uso de contos para fins terapêuticos. A contoterapia é uma prática milenar e bastante tradicional em várias culturas. A imagem de um grupo de pessoas sentadas ao redor de uma fogueira enquanto alguém conta um conto é conhecida tanto no ocidente quanto no oriente, e na verdade, foi graças a tal costume (Oraturas) que muitas fábulas e narrativas folclóricas sobreviveram até os dias atuais.

Contos de Fadas-Terapia (*Fairytales Therapy*) é o uso dos contos de fadas como recurso terapêutico. De acordo com estudiosos, o *Fairytales Therapy* funciona porque converte a "moral da história" em guia de vida, razão pela qual pessoas com traumas (principalmente o estresse pós-traumático) conseguem apresentar melhoras e recuperar sua saúde mental com muito mais rapidez e sucesso. A terapia compreende contação de histórias, encenações, leitura expressiva, entre outros processos criativos. Desde os anos 1990 que o tema tem sido cuidadosamente trabalhado e os resultados têm sido extremamente animadores.

Storytelling-Terapia (*Therapeutic Storytelling* ou Contação de Histórias-Terapia) é o uso da arte de contar histórias como recurso terapêutico. A tradição de contar histórias sempre existiu desde as comunidades mais primitivas, fosse por meio de desenhos ou gestos, fosse por meio de sons produzidos por elementos da natureza, objetos, pelo corpo humano ou pela voz.

Mitoterapia (*Mythotherapy*) consiste no uso de mitologia, sabedorias ancestrais e textos sagrados para fins terapêuticos. É um recurso considerado de grande interesse para as áreas de Psicologia e Filosofia uma vez que atende pessoas em busca de autoconhecimento. Seu uso tem origem em culturas antigas sendo reiteradamente adotado com o objetivo de transmitir ensinamentos sobre corpos: físico, espiritual e mental; bem como compreender seus níveis: consciente, subconsciente e inconsciente. A utilização da Mitoterapia para a cura de doenças é documentada principalmente em textos relacionados ao Antigo Egito onde relatos destacam que os médicos narravam mitos ou liam textos sagrados junto ao leito dos enfermos, pois isto auxiliava no processo de recuperação.

Poematerapia (*Poetry Therapy* ou Arteterapia em Poesia) é o uso da linguagem e dos textos poéticos como uma técnica terapêutica, particularmente recomendada para tratamentos de transtornos emocionais, do sistema nervoso, psicossomatismo, compulsões, fobias, timidez e dificuldades de comunicação, fala, leitura e escrita. Neste método, busca-se levar o paciente a mergulhar na profundidade dos poemas, desde seus símbolos, prosódias, histórias, metáforas e diálogos com outras artes.

Epistolaterapia (*Epistolary Therapy, Epistolary Memory* ou *Therapeutic Letters*) é o uso terapêutico da escrita de cartas e da leitura de Literatura Epistolar. Epistolografia ou gênero Epistolar não é uma área muito comentada tampouco estudada - apesar de ser chamada de "alta literatura" - ocorre que quando mencionamos Epístola, a maior parte das pessoas associa unicamente aos textos da Bíblia (Novo Testamento), o que está correto, todavia o gênero abraça outros segmentos como Poesia e Romance. A partir de 2014, a Literatura Epistolar passou a ser considerada um poderoso recurso no tratamento de diversas enfermidades.

Memoir Therapy (*Memoir Therapy* ou *Therapy of Memoir*) é o recurso terapêutico que se utiliza da leitura e da escrita de livros de memórias. Quem não se lembra de "Memórias De Uma Gueixa", romance histórico escrito por Arthur Golden (1997)? Pois é deste tipo de livro que estamos falando. Memórias constitui a categoria mais próxima de uma terapia pela necessidade que há em contar a história, que é uma história real. No processo de leitura o paciente tem um panorama da vida de outra pessoa e no processo de escrita o próprio paciente tem a chance de relatar os acontecimentos por que passou. Em ambos os casos o leitor, seja ele leitor efetivamente ou o escritor que lê o que ele mesmo escreveu, tem a oportunidade de analisar as situações, as ações, as reações, e, acima de tudo, recriar a si mesmo. Estudos recentes publicados no *Journal of Neuroscience* (*Thalamocortical mechanisms for nostalgia induced analgesia*, Março, 2022) constataram que recordar bons momentos reduz potencialmente a dor, funcionando como uma espécie de analgésico, o que vem a corroborar a eficácia da *Memoir Therapy*.

Terapia em Literatura Cômica (*Comic Book Therapy*) é uma vertente da Arteterapia que combina Terapia Literária, Terapia do Riso (Risoterapia; *Laughter Therapy*), Yoga do Riso e Desenhoterapia. É considerada uma “ponte para a cura” por reunir elementos que provocam o riso, quebrando a crença limitante de que só se ri quando se está feliz. A leitura de textos de humor, que contenham piadas ou narrativas engraçadas é o foco da Terapia em Literatura Cômica, que tende a preferir o uso de histórias em quadrinhos; por esta razão, é muitas vezes denominada simplesmente como "**Terapia de Quadrinhos**".

A Literatura Cômica abrange, contudo, dentre outras, as seguintes vertentes: Comédia Romântica, Comédia Pastelão, Comédia Burlesca, Comédia Escrachada, Comédia de Bordões, Comédia Visual, Comédia Surreal, Comédia Musical, Comédia Americana, Comédia de Costume, Comédia de Terror (ou de Horror), Sátira, Humor Ácido, Humor Absurdo, Farsa, Piada, Paródia e Tragicomédia.

Songwriting Therapy (*Therapeutic Songwriting*) *Songwriting* é o ofício do *Songwriter* (escritor de canção), aquele que escreve uma canção; e que se for um poeta será denominado de *lyricist* ou *lyrist* (letrista). Esta terapia consiste no uso da escrita de canções como recurso terapêutico e está associada às Escritas Criativas, geralmente à Escrita Expressiva e à Escrita Sensorial. Cabe ressaltar que *Songwriting Therapy* é parte das Terapias Literárias e não da Musicoterapia, nesta a Composição Musical é que é o recurso; isto é, em Musicoterapia há a atuação do *Composer* (Compositor), aquele que compõe a *Musical Composition* (a música, a melodia) e não do *Songwriter* ou do *Lyricist*; ainda que em termos gerais, um *Songwriter* possa reunir os dois ofícios (*composer e lyricist*) e assim compor música e letra.

Dramaterapia (*Drama Therapy*) consiste no uso de técnicas de teatro para fins terapêuticos. A abordagem compreende *storytelling*, mímica, jogos teatrais, dramatização, expressão corporal, criação de coreografias, *playback* e técnicas de improviso com interligações com outras Artes Criativas Terapêuticas como Musicoterapia, Dançoterapia, Cantoterapia, Ludoterapia, Escrita Criativa e Leitura Criativa, mais especificamente Escrita e Leitura Expressiva. Possui ainda desdobramentos em teatros de bonecos como *wayang*, mamulengo, títere, bonifrate, presepe, teatro das sombras, teatro de fantoches (marionetes), teatro de sombras com fantoches, teatro aquático de fantoches, teatro lambe-lambe (ou teatro de miniaturas), teatro de ventríloquos e teatro de animação.

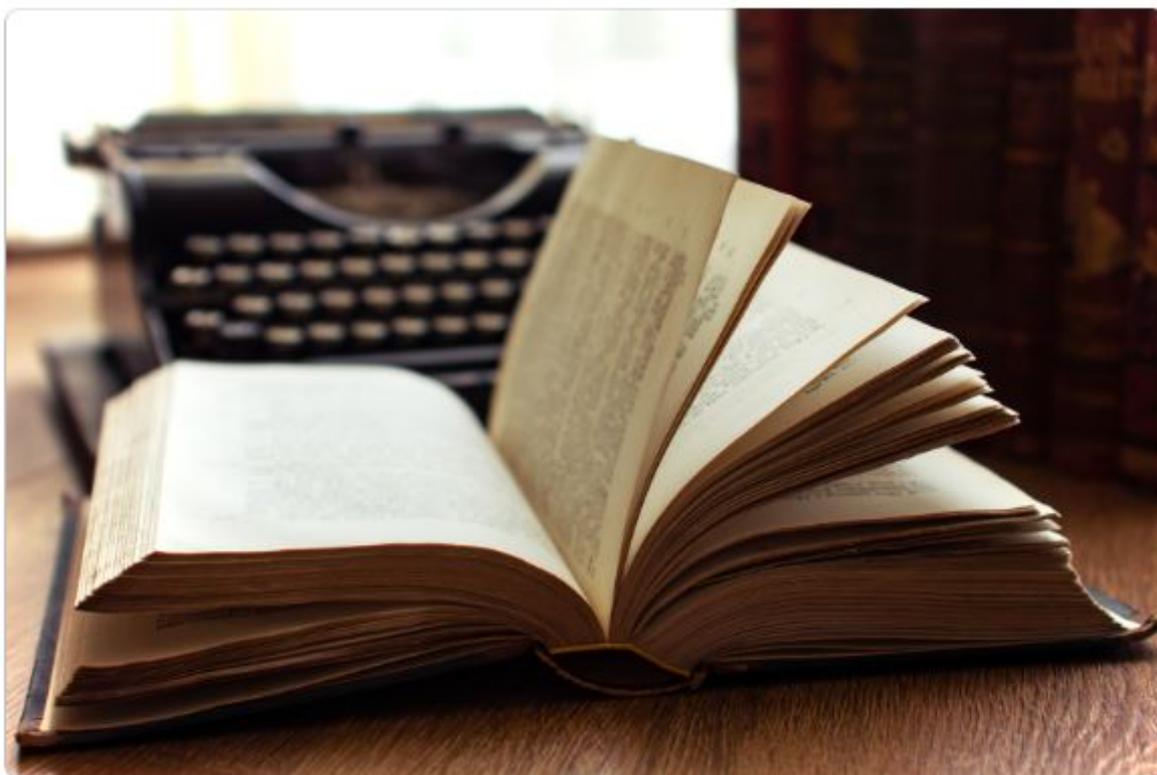
Novelaterapia (*Novel Therapy, Therapy in Romance Novels, NovelaTerapia ou Romance Terapia*) é o uso dos romances ficcionais como recurso terapêutico. O termo *Novela* tem origem no inglês “novel” que significa romance, a forma textual, em poesia ou prosa, derivado da Epopeia, que pertence ao gênero literário narrativo. Todo o emaranhado que compõe o romance leva o leitor a pensar sobre sua própria existência sob algum aspecto, e em alguns casos a enxergar possibilidades diferentes para seu cotidiano; o que significa dizer que ele passa a compreender melhor os acontecimentos.

Ensino-terapia de idiomas (*Foreign Language Therapy ou Speech-Language Therapy*) é o uso do bilinguismo ou do multilinguismo como ferramenta terapêutica. De acordo com pesquisadores, aprender idiomas aumentaria a “massa cinzenta” e o tamanho do cérebro, potencializando a inteligência (*Science Daily, artigo “Bilingualism could offset brain changes in Alzheimer 's”, Concordia University, 2018*). No Brasil, contamos com a brilhante atuação do Professor Pedro Calabrez (UNIFESP) neste âmbito. Em 2017, no XII Fórum da Longevidade, Calabrez afirmou que uma das melhores formas de se manter o cérebro funcional é aprender novas línguas.

Cabe ressaltar que o profissional para atuar em Ensino-terapia de idiomas deve ter formação em *Liberal Arts* (Letras, habilitação em línguas). Nas demais terapias literárias, o profissional é o Literatoterapeuta (*Literary Therapist*) ou Aconselhador em Terapias Literárias (*Literary Therapy Counselor*) que geralmente têm formação em Letras, Belas Artes ou Biblioteconomia com amplos conhecimentos em Literaturas e Arteterapia.

Em suma, as terapias literárias têm sido cada vez mais estudadas no mundo inteiro e a aplicação delas também. Contudo, não sejamos ingênuos: é preciso ter cautela. Nem todos estão aptos a atuar como Literatoterapeuta ou Aconselhador em Terapias Literárias; do mesmo modo que é de extrema necessidade a realização de zelosa anamnese em cada paciente não somente a fim de detectar gostos, mas, sobretudo sensibilidades, uma vez que há pessoas sensíveis a certos temas, havendo comprovação de leituras que, por exemplo, ao invés de evitar suicídio, levaram a ele (como no caso de *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774), Johann Wolfgang Goethe). Cumpre, portanto, salientar que é imprescindível aferir a maturidade do leitor, o que significa dizer que até mesmo um receituário literário pode ter efeitos colaterais. Toda prescrição é assunto muito sério!

NOTA DA AUTORA: *todas as indicações contidas nesta obra são apresentadas em nível de sugestão. Cada proposta e cada público compõem panoramas sui generis que devem ser sempre analisados com prudência, considerando especialmente idade, maturidade e sensibilidade*



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

TEMPO DE AMAR

VOL. XI

tempo DE AMAR

CONTOS
MINICONTOS
E POEMAS
VOL. XI

ADEMIR
PASCALE
ORGANIZADOR

E-BOOK



saiba mais: clique aqui

DICAS PARA LEITURA

O LADO BOM DA VIDA, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG



JARDIM POÉTICO - VOL. IV, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG

Daga Mim

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Sem perceber, senti acordar a saudade
Ingênua, deixei que ela voltasse até a mim
Foi chegando devagarinho! De cada tempo... um pouquinho
Aguçando belos momentos que poderiam voltar
Bem imaginava não ser verdade
Retornar o antigo amor... tudo enfim
Na hora, “imaginações” de que não estava sozinho
Novas ideias do retorno, com rara felicidade, a me amar

Não mais avaliando, senti de perto a saudade
Que, vez por outra, sonolenta me rodeava
A cada instante tentando se aproximar
Eu tremia de frio de tanta lembrança
“Ela”, acordada, surgia “saliente” com intensa vontade
Meu corpo balançava... o sangue, no interior, borbulhava
Realmente era a “maldade” para me atizar
Assim, totalmente envolvido guardava nova esperança

Por fim, indagações: por quê acordei essa saudade
Que tão insolente me tentava
Em mim, como se fosse aquela antiga pessoa
Bem juntinho à minha frente flertando alegria
Que, em idos tempos, jurava euforia, pura felicidade
Embaralhando fantasias que somente me amava
Envolvido... agradecido... sorria à-toa
Mas sem graça, por evidenciar que tal saudade somente mentia

Sobre Joaquim Cândido de Gouvêa: Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Possuo Poemas publicados mensalmente, no Brasil, na – REVISTA CONEXÃO LITERATURA – em que fui a Capa da Revista 103, de janeiro de 2024. No exterior, destacada participação no Projeto da Editora Colibri em Lisboa – Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive meu início na Edição 06 e, agora, estamos na Edição 24. Com a mesma coordenação, participação no Livro ESCREVER CAMÕES.

Tenho editado Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros de Poemas, com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE...

No mesmo passo, dois outros Livros de Poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa – Portugal, com os Títulos: NO CAMINHAR e SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a Editora ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa – Portugal, dois Romances com os Títulos: ARDENTE ENCONTRO e SEIS MESES.

Possuo Menção Honrosa concedida ao meu Poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Participei da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA na ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou ACADÊMICO, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco Letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea_

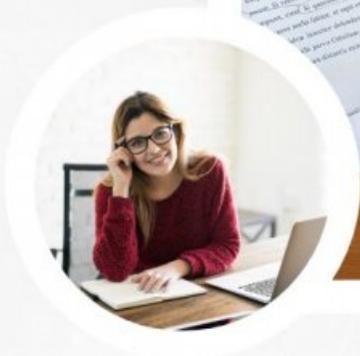
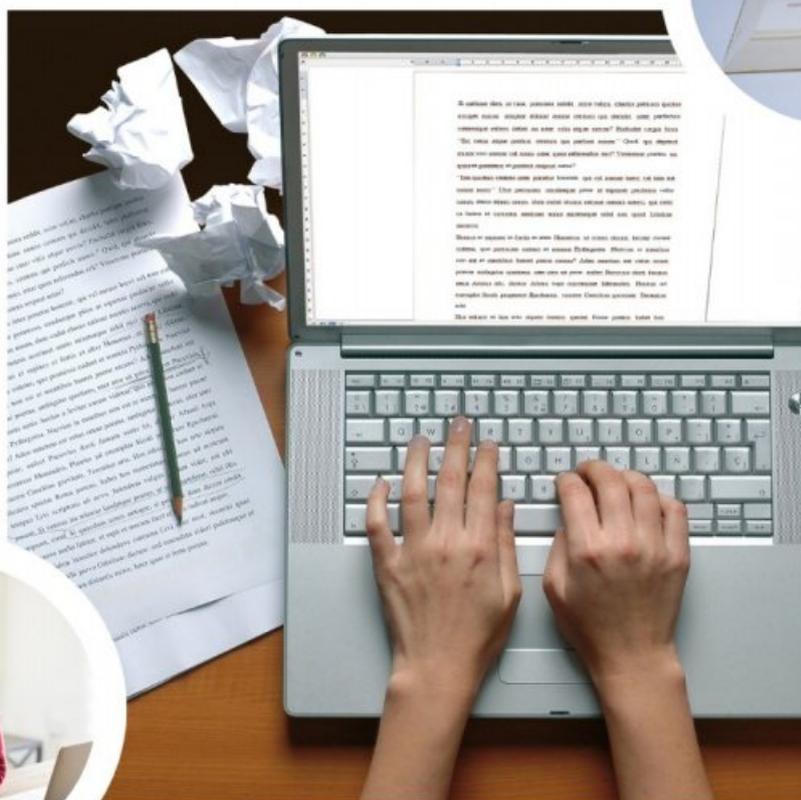
Email: mjgouvea@hotmail.



Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura



- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:
ademir@divulgalivros.org
www.revistaconexaoliteratura.com.br

Senta aqui, AMIGO



Por Mirian Menezes de Oliveira

Senta aqui, meu grande amigo!
Temos muito o que falar.
Lembra-se do acordo antigo
feito, há tempo, à beira-mar?

Escrevemos um artigo
de Lei, para promulgar.
Sei que o carrega consigo,
com intenção de o aprovar.

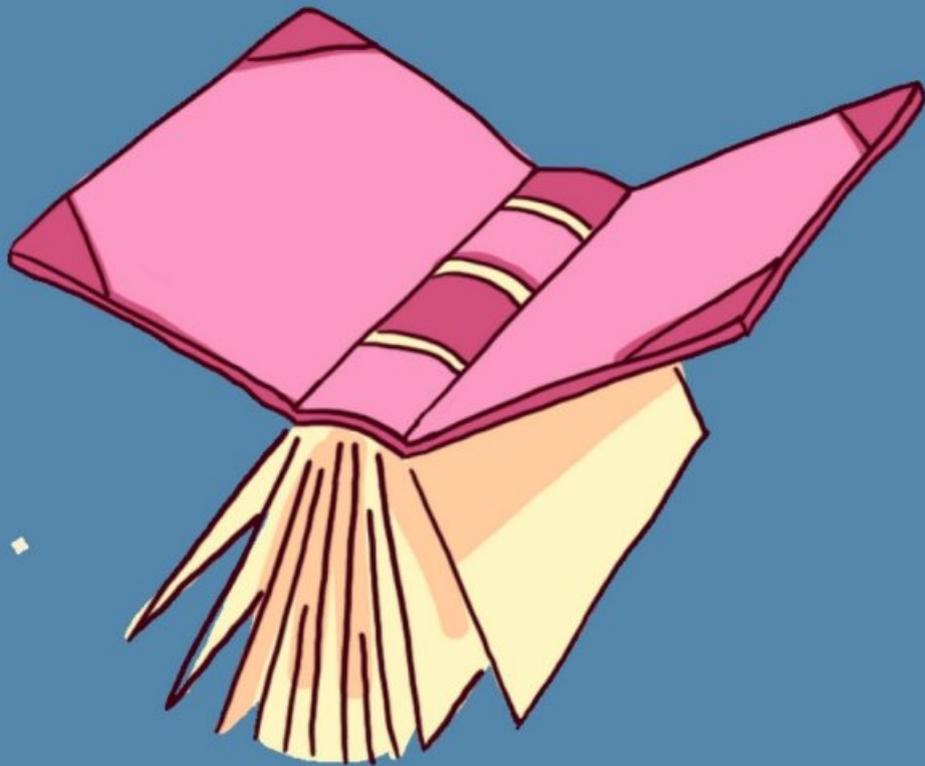
Senta aqui, meu grande amigo!
Temos muito o que falar.
Lembra-se do acordo antigo,
feito antes do sol raiar?

"Para além do próprio umbigo,
nós iremos sempre olhar!
Sem quaisquer archi-inimigos,
ou muros pra atrapalhar."

Senta aqui, meu grande amigo!
Vamos, então, conversar.
Diferentes e unidos!
Você pode me abraçar?

Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

Deixe que
os livros
te levem para
lugares nunca
antes vistos



Revista Conexão Literatura

Metáfora do Silêncio

Por Janete Santos Silva

No vasto universo na memória,
O silêncio se faz presente,
Como uma metáfora inocente,
Que envolve a alma da gente.

Palavra singela,
Que guarda em si um poder imenso,
É o vazio que preenche pensamentos,
E traz consigo o mistério intenso.

Na quietude de palavras não ditas,
Nas entrelinhas do pensamento,
Há um mundo de sentimentos escondidos,
Num abraço silencioso e inocente.

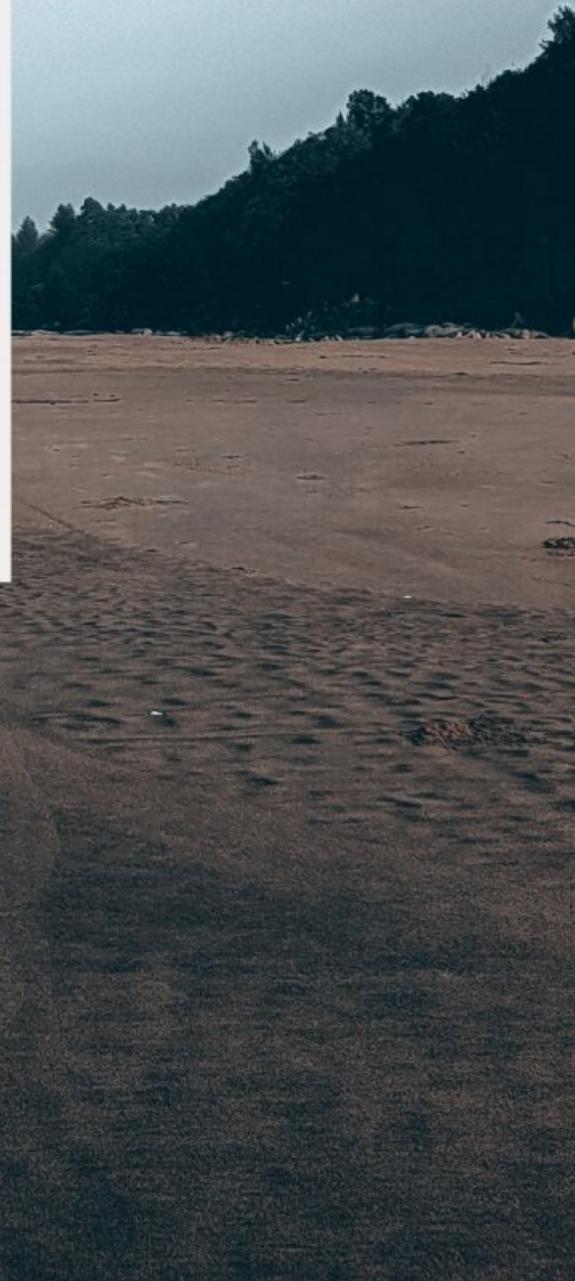
O silêncio é causa necessária,
A respiração profunda da existência.
onde florescem sonhos e desejos
ganham vida as emoções em essência.

Na solidão do silêncio, encontra respostas
Para perguntas que nem sequer sabíamos fazer.
Nele que nos conectamos com nós mesmos
Descobrimos quem realmente somos.

O silêncio nos leva à reflexão,
o encontro com nossa voz interior.
Nos faz ouvir os sussurros do coração,
Encontrar a plenitude da nossa existência.

Sobre a autora:

Janete Santos Silva é mestra em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/PPGed. Graduada em Letras pela Faculdade de Ciências Educacionais - FACE / Valença- Bahia e em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Itapetinga - Bahia. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica EDUCON/ FAVENI e Psicanálise/ FAMART. Atua como professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II na Rede Municipal de Itapetinga/BA. É membro do Grupo de Estudos em Linguagem, Formação de Professores e Práticas Educativas - GELFORPE/UESB/CNPq. Seu currículo Lattes está disponível em <https://lattes.cnpq.br/9732997I52054690> e seu perfil ORCID pode ser encontrado em <https://orcid.org/0000-0002-3803-0358>. Para entrar em contato, envie um e-mail para ninha.bela@hotmail.com.



2024

Patrocine a

REVISTA

CONEXÃO LITERATURA

Editoras, livrarias, autores. etc., saibam como patrocinar a revista Conexão Literatura e ter a sua marca (site, produto) divulgado no site da revista, edições mensais e redes sociais, que somam mais de 1 milhão de seguidores.

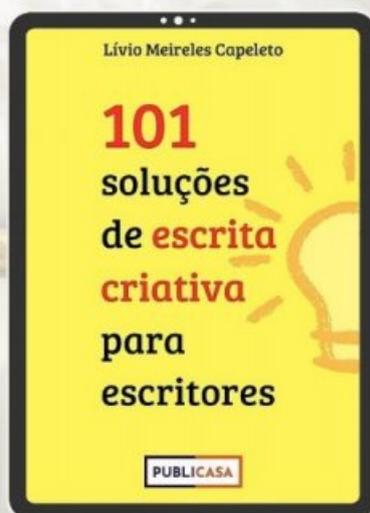
Escreva para o editor Ademir Pascale:
ademir@divulgalivros.org



www.revistaconexaoliteratura.com.br

E-BOOKS que vão virar a chave da sua *escrita*

Em comemoração aos 10 anos da agência CASA Projetos Literários, o selo PUBLICASA apresenta o lançamento dos dois e-books inéditos:



Mais de 100 oportunidades de fugir do temido bloqueio criativo. Não tenha medo de explorar a sua imaginação!

Exclusividade **amazon**

Amplie sua visão. Sua forma de escrever nunca mais será a mesma após a leitura e o estudo deste livro!

amazon *Exclusividade*



O AUTOR: Lívio Meireles Capeleto, agente literário e editor, profissional com mais de 23 anos no mercado editorial brasileiro e CEO da CASA Projetos Literários. Visite o site: www.casaprojetosliterarios.com.br

CULPA E ANGÚSTIA

A BUSCA PELA LIBERDADE

RESENHA

Por Emerson Pagnussat

“Sobressaltou-se ao avistar o homem que o observava lá no fundo... Um homem sem chapéu, o cabelo revoltado, a roupa manchada, um cigarro preso aos lábios... Levou algum tempo para perceber que estava diante dum espelho. Começou a fazer gestos que o *outro* repetia. O *outro* era ele. Mas ele era... assim?” (p. 21).

Noite é uma obra de Érico Veríssimo de caráter psicológico e com uma trama envolta em mistérios. A narrativa de Veríssimo é uma viagem ao Desconhecido, uma busca pelo ser. Como ressalta Aguiar (2009), percebe-se na obra referências explícitas ao conto *O homem na multidão* (1840), de Edgar Allan Poe. Pode-se observar também referências ao romance *Crime e Castigo* (1866), escrita por Fiódor Dostoiévski, porém menos evidentes que aquelas ao texto de Poe.

Além das duas obras supracitadas, Josende (2011) destaca que *Noite* remete o leitor a obra *Noite na Taverna* (1855), escrita por Álvares de Azevedo. Assim como na narrativa de Veríssimo, no conjunto de contos de Azevedo, a noite é exaltada como protetora daqueles que nela se regozijam, explorando a capacidade de inversão gerada por ela. Além disso, “outra relação significativa entre as obras é a personificação da noite, que quase recebe um caráter de entidade” (Josende, 2011, p. 22).

Nesta obra de Érico Veríssimo, um homem perambula sem rumo por uma cidade ao lusco-fusco de um tórrido dia de verão. Quem ele é? Não se sabe. ‘Ninguém’ sabe e, como enfatiza Josende (2011), a novela de Érico Veríssimo principia com o uso desse pronome indefinido. Isso sinaliza o que permeará o restante da narrativa: a ausência de uma localização precisa, há apenas uma cidade estranha onde ninguém conhece o protagonista, tampouco ele mesmo.

O personagem principal de Érico é um homem sem nome, sem memória, sem destino, que recebe do narrador a alcunha de ‘o homem de gris’ ou, por vezes, o ‘Desconhecido’. Flávio Loureiro Chaves (1995) argumenta que o fato de o personagem ser chamado de o ‘Desconhecido’ carrega um duplo sentido, revelando dois extremos de um mesmo paradoxo: o personagem é um desconhecido no mundo que transita fisicamente, bem como um desconhecido para si mesmo (Josende, 2011). O homem de gris é, em princípio, somente um homem atordoado, sofrendo de perda de memória, que desconhece sua identidade e vê-se deslocado de toda e qualquer coisa que o direcione; é como um romance sem tempo, espaço ou enredo, somente linhas em branco que deslizam sem um eixo regulador (Josende, 2011).

Assim como o personagem, a cidade pela qual ele vaga não carrega nome em si. O homem de gris caminha sem norte por aquele ambiente citadino cujo ruas são inominadas e os rostos que o circundam são totalmente desconhecidos. De acordo com Ignácio (2019), ganham vulto, nessa obra de Veríssimo, o elemento espacial – ruas e lugares de uma cidade anônima – e a quase completa ausência de iluminação da grande maioria dos locais a que o homem de gris se dirige. Na maior parte dos ambientes prevalece uma iluminação obscura e um clima de anonímia que acaba por repercutir no interior umbroso e desconhecido do homem de gris.

A multidão de transeuntes o oprime, bem como o vai e vem alucinante dos carros e o hálito de cidade grande que emana dos quatro cantos carregado pelo vento.

Nesse sentido, é interessante notar que analogamente à sensação de abafamento, desespero e tormento do homem de gris, o céu dessa noite profunda está “baixo e carregado”, com nuvens escuras e espessas a lhe toldarem. E assim, ao invés de estrelas, tem-se a imagem de um firmamento esmagador, cujas trevas são entrecortadas, de quando em quando, pelo rasgante risco de relâmpagos ameaçadores (Ignácio, 2019, p. 5).

Os sentimentos de angústia, desamparo e perda perseguem o Desconhecido. Mas o que a personagem perdeu? O homem de gris procura a própria identidade, impulsionado pelo sentimento de culpa. Porém, como ele se encontra em estado amnésico, não se sabe exatamente de que culpa se trata. A busca pela identidade revela o aspecto pós-moderno da obra. As reflexões existencialistas e o sentimento de angústia estão presentes desde a primeira página: onde estou?, quem sou? e o que aconteceu? Ao longo de toda narrativa, elas continuam:

Olhou em torno e não reconheceu nada nem ninguém. Estava perdido numa cidade que jamais vira. Recostou-se a um poste e ali ficou a sacudir a cabeça dum lado para o outro, como para dissipar o nevoeiro que lhe embaciava as ideias. De olhos cerrados, procurava desesperadamente lembrar-se, e esse esforço lhe atirava o espírito em abismos vertiginosos, em sucessivas quedas no vácuo... **Quem sou? Onde estou? Que aconteceu?** Não era com a mente que ele fazia essas perguntas angustiadas, nem elas chegavam a articular-se em palavras e frases. Essas urgentes indagações em torno de identidade, tempo e espaço estavam subterraneamente contidas naquela ânsia aturdida (Veríssimo, 2009, p. 13, grifo nosso).

Para Ligia Militz da Costa, a obra de Veríssimo contém uma história social de um espaço urbano associada à história pessoal de um sujeito ficcional, atormentado por problemas psicológicos (Josende, 2011). Essas duas dimensões referenciais são marcadas pela falta de identidade, a do personagem e a da cidade pela qual ele vaga, indicadas pela ausência de nomes próprios.

Na história, há apenas alguns poucos indícios, confusos e desencontrados, que chegam até o leitor sobre a identidade do personagem. Consigo, o Desconhecido carrega poucos vestígios a respeito do que poderia ter acontecido e sobre quem ele realmente é. O homem de gris porta uma carteira cheia de dinheiro e um relógio de ouro, com pulseira de metal. Será ele um ladrão? Um ser soturno que vive às custas do trabalho alheio?

Chegam-lhe relatos de um feminicídio que acontecera. Uma mulher fora morta a facadas por alguém enraivecido. Com o passar do tempo, algumas reminiscências sobrevêm ao homem de gris. Fragmentos de uma desavença que tivera com a mulher

poucos dias antes da fatídica noite a qual está vivenciando. A dúvida o consome, ele vacila diante de si mesmo. Seria ele responsável por aquele assassinio? A perda da memória seria um dispositivo de fuga que o Desconhecido encontrara?

Um lenço ensanguentado que está no bolso do homem de gris aumenta ainda mais o mistério em torno do personagem. O leitor, frente as sucessões de acontecimentos, expostos de forma rápida por um narrador que não tece explicações sobre os fatos, precisa ser também rápido na tentativa de estabelecer relações entre aquilo que é narrado para que haja entendimento sobre o que acontece. O fato de a narrativa não possuir uma divisão de capítulos aumenta ainda mais a fluidez dos acontecimentos. A tensão em relação a identidade do Desconhecido se intensifica a cada página, gerando uma apreensão no leitor.

O transtorno de identidade que acomete o homem de gris atinge o nível do pânico: ele chega a pensar na possibilidade de estar sonhando, de nem ao mesmo ser quem pensa que é; de não ter esposa, nem casa, nem nada. Mesmo buscando traços na realidade que o afirme, ele ainda acredita que possa não ter uma existência real, talvez seja um cadáver levando flores para uma mulher que nem ao menos existe (Josende, 2011, p. 49).

No decorrer da trama, junta-se ao homem de gris algumas figuras peculiares: ‘o anão corcunda’ e o enigmático ‘Mestre’. Para Aguiar (2009, p.10) essas figuras “talvez sejam alegorias da cidade, antípodas, um carregando o signo da deformidade no corpo, o outro na desmedida de seu caráter (ou falta de)”. Todos sem nome, mas que representam e trazem consigo, de alguma forma, as características da sociedade.

Os três personagens vagam pela cidade, a **Noite** os chama e o Mestre responde, conduzindo o grupo aos mais depravados cantos, àqueles lugares que representam, e onde se encontram, toda a devassidão, miséria e corrupção humana. Uma atmosfera sombria e tensa os circunda. Adiante, ao grupo se une duas prostitutas. Junto ao homem de gris, a trupe composta pelo Mestre, o anão e as duas pécoras, vaga pela madrugada adentro. As reminiscências continuam a visitar o Desconhecido, a culpa o corrói e o persegue durante toda a narrativa que se inicia ao anoitecer de um dia de verão e se encerra no alvorecer do dia seguinte. As recordações o levam de volta a sua casa, porém, para o leitor, sua identidade parece turva e sem solução.

Referências

AGUIAR, Flávio. O Mea culpa da metrópole. In: VERÍSSIMO, Érico. **Noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 9-11.

IGNÁCIO, Ewerton de Freitas. **Érico Veríssimo e o espaço romanesco: uma leitura de noite**. Gatilho, Juiz de Fora, v. 3, [S. I], p. 1-8, jun. 2019.

JOSENDE, Sara da Costa Macedo Estrella. **A descoberta do universo Desconhecido: um instante na Noite de Érico.** 2011. 84 f. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2011.

VERÍSSIMO, Érico. **Noite.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



Emerson Pagnussat nasceu em Blumenau, Santa Catarina. É graduado no curso de Letras (Português/Inglês) pela Universidade Regional de Blumenau. Trabalha, atualmente, como professor de língua portuguesa e inglesa no Ensino Médio. Participou da ontologia "O Jogo do Amor - Contos e Poemas" com a narrativa "Anáfora" publicada pela Revista Conexão Literatura.

ANUNCIE NESSE ESPAÇO

Tem algo que deseja divulgar?
Lojas, livros, sites e muito mais



REVISTA CONEXÃO LITERATURA - PERIÓDICO MENSAL



Por Flavio Joppert

O Justiceiro

Sua cruz e espada,
vindas do além.
Faziam dele covarde,
melhor do que ninguém.

O espelho lhe dizia:
a justiça que fazia.
Muito mais do que dor,
o criminoso sofria.

Nunca disciplinado.
Senhor de tudo e de todos.
Quem, dele não seguisse a regra,
era logo injustiçado.



Crime Perfeito

O sol incandescente
se levanta no horizonte.
Num ato indecente
os testículos esmaga.

Uma estrela no céu
se apaga suavemente.
De suas nádegas
escorre esperma quente.

O céu se faz claro,
é hora de sacrificar.
O bicho veado ri e chora.

O vaticínio de Jupiter,
Para à Satã ofertar.
A estrela sela o destino.





Por Flavio Joppert

Sinos da Aurora

No horizonte raia o dia,
sinos em campana.
Anunciam a sangria
de uma dor insana.

O Veado, o antílope
é a vítima da hora.
Na aurora síncope
de Lúcifer senhora.

Cai o veado.
A última badalada.
Nas pedras sacrificado.

As mãos em ablução.
A última estocada.
O sol brilha, a ilusão.

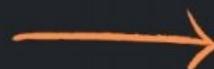


A Justiça da Primavera

D'uma cerejeira em flor,
Triste inverno ao fim.
É esperança da volta, amor.

Se Tirar uma Foto sai com Chifre

Na aldeia, o mais velho ancião, conhecia da tribo cinco gerações, caminhando para a sexta, ele confirmava em sua sabedoria, era a reencarnação, o que existia, por isso os crimes, os erros: o Karma que ele revia.





— Por Flavio Joppert —

Contando o Caso

De balandrau negro, o pterodátilo salta do trampolim como um morcego no mar. O baque nas ondas fazia parte de um ritual satânico em que esmagaram suas bolas, o esperma quente escorria de suas nádegas, e seria a sua vez no sacrifício quando assim o mapa astral decidisse Jupiter e/ou Saturno na sua casa zodiacal. O destino, herético e dissidente de qualquer fé salutar, fazia ele saltar no abismo.

O Profanador de Ilusões

Acredite, ele era um bandido, em algum momento houve a transformação da substância. Pode ter sido com a morte daquela menina. Disse o Mestre. Bandido ou vampiro? Perguntaram os outros.

A Biblioteca Astral

Era de lá que ele roubava tudo o que podia psicografar. Dava para sua namorada negociar por direitos autorais e alguns trocados. Caine se irmão invejoso, buscava uma forma de castigar, ou em suas coisas mágicas ou em sua comida. Queria ver ele sofrer por um crime que não existe em Lei.

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



Flavio na Niteroiense de Letras



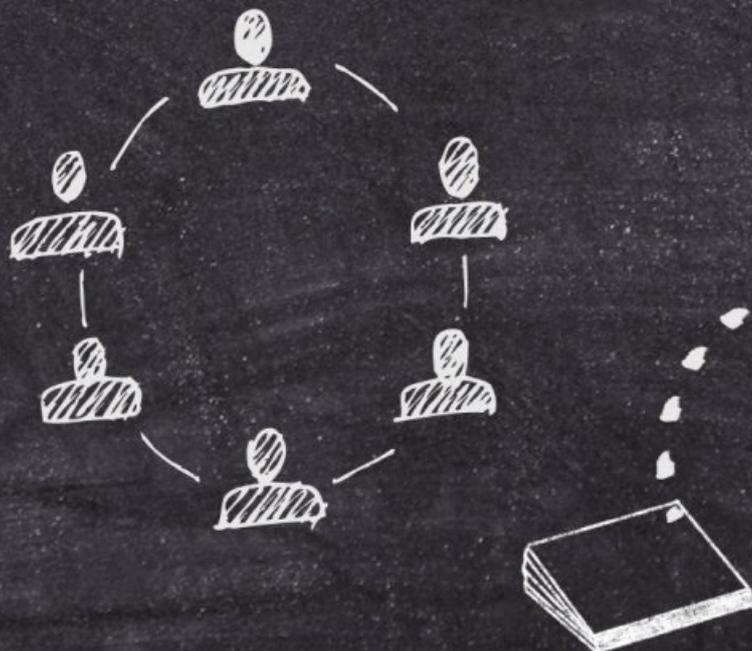
MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



CONEXÃO
GRAMÁTICA



CLIQUE AQUI



NÃO
DEU
CERTO

POR VALÉRIO MARONNI

Há muito tempo deixei de contribuir com a literatura internacional,
acho mesmo que nunca contribuí,
no âmbito nacional foi a mesma coisa;
entre a década de noventa e a primeira década do novo século
 à procura de um emprego na cidade de Drica,
mais especificamente na extensa Av. Saramago,
por quinze anos vivi;
(foi aí que conheci Juliana)
tempo suficiente para observar atentamente o movimento literário,
mas aprendi pouca coisa.

Não gostava de compartilhar conhecimento,
por isso tinha meu diário
 onde anotava o que achava ser útil se algum dia me tornasse escritor de fato,
o que não aconteceu.

Naquele período...

... descascava um poema para conhecer seu sabor de pitaia
 ou para observar o tom do vermelho da poça de sangue
 que manchava seu verso final.

Jogava um poema em um lago
 e media a velocidade
 com que o peso de suas estrofes o levava ao fundo;
resultado proporcional à depressão de um escritor.

Não usava a palavra amor
 em poemas de curta duração;
Juliana era meu lampejo e revisora,
para ela escrevia pelo menos sessenta versos por semana.

Ajustava precisamente a persiana horizontal da biblioteca
 para que a luz do sol da manhã
 iluminasse cada entrelinha com os subtextos
 existentes no poema.

A capa dura ajudava a deixar um livro em pé,
ajudava a ler um poema
 sem pôr as mãos nele
 enquanto eu digitava o plágio do capítulo de um livro
 lançado há mais de setenta anos.

Era a minha ansiedade

que limitava a extensão dos meus microcontos
e era a minha calma
que não me permitia escrever romances;
a ponta do lápis sempre quebrada
era apenas uma desculpa.

Quando eu estava no banco dos réus
continuava praticando meu hábito de leitura;
o reflexo nas lentes dos óculos do juiz
me informava a sentença
por nenhum miniconto publicado.

Colocava meus melhores contos
sob os azulejos do banheiro
da casa em construção,
pois ninguém os lia mesmo;
os piores eu continuava escrevendo.

Ao terminar um conto
o colocava no escorredor de pratos
e observava os excessos de explicações
no início e no fim
espalhados sobre a pia.

Relia tantas vezes fossem necessárias
minha biografia
quando ela era maior que o texto.

Para diferenciar um conto de uma novela e de um romance
colocava um por vez em uma balança de consultório pediátrico;
aquele que chorava primeiro era um romance,
depois colocava a novela e o conto juntos sobre a balança,
se passasse de dois quilos os substituía por e-books.

Sem ler queimei a última folha de um livro de história
e pelo cheiro descobri quem incendiou a editora
que recusou meu oitavo livro.

Às vezes juntava todos os meus escritos num saco
e colocava na máquina de lavar roupas
no programa para tirar manchas:
nível baixo,
molho longo,
centrifugação dupla,

não reaproveitar a água.

Experimentava colocar piercing nas orelhas do livro
para sentir a sensação
que o editor tinha de assinar o prefácio de um livro ruim.

Nos feriados jogava livros do décimo andar do prédio da editora
e observava se eles bateriam asas para dentro da imaginação
ou se como um tijolo eles cairiam na lixeira da livraria na calçada.

Pegava um livro bom de um outro autor
e grifava e rabiscava tudo
o que achava interessante e desinteressante durante a leitura;
isso facilitava sua leitura pelo próximo iletrado.

Fazia o jogo de empurrar a coluna de peças de dominó
usando as letras que não cabiam na mensagem da editora
quando informava que meu livro havia sido reprovado.

Tudo o que escrevia pela manhã
eu guardava no armário da cozinha
junto com o melado,
o que escrevia à tarde,
no forno,
junto com os tabuleiros vazios,
com o que escrevia à noite
fazia um manjar e guardava no congelador;
o que não estragava depois de uma semana
poderia ser enviado para uma revista sem taxa de publicação.

Eu já fui coautor também,
um processo de escrever minhas ideias com a tipografia do outro;
fugia para não ser pressionado por um abre e fecha colchetes.

Não bebia do que foi torcido de um livro
mergulhado no vinho,
pois a princesa fazia com ele um brinde
com quem escrevia finais infelizes.

Experimentava colocar a numeração da página bem no meio da página,
como um alvo
e via como ela ficava agradecida pelo resgate da solidão do rodapé.

Se a gramatura do papel utilizado no livro fosse alta

pegava uma faca bem afiada
e dividia a espessura da página ao meio,
criando duas páginas em branco que poderiam ser utilizadas
para anotar as dúvidas de matemática.

O t da linha de baixo sempre reclamava da proximidade
do p da linha de cima;
se possível eu escrevia tudo em caixa alta.

A indentação do parágrafo não servia para nada,
nem o tipo de fonte e o espaçamento,
o tamanho das margens menos ainda,
o título nada dizia;
pegava uma espátula e raspava as letras da página para dentro de um balde com cola
e depois derramava sobre uma cartolina;
deixava secar e verificava se a história ficava melhor.

Arrancava todas as folhas dos livros que não gostava,
mas preservava de alguns pelo menos as capas
e encadernava um novo miolo
com a última folha dos livros que não lia;
ficava interessante a enciclopédia.

Escolhia uma lixeira pequena para jogar os caroços de abacate
e os erros de concordância;
olhava para dentro do cesto no final do dia
e observava que a superfície do caroço se parecia com a superfície da lua.

Minha biblioteca era assim:
sob o assoalho de tábuas corridas uma adega,
nos furos dos tijolos dentro das paredes um cofre,
no teto falso chocolates 99% cacau,
a porta de aço com cadeados não era trancada a chaves,
sobre a grande mesa uma maquete ferroviária,
no canto amplificadores a válvula
e caixas de som com falantes de selênio,
nas prateleiras CDs importados de rock progressivo
e fitas cassete de óxido de cromo com as vozes dos bebês,
nas estantes habitavam apenas os doze contos peregrinos do Gabriel;
visitava frequentemente a biblioteca municipal.

Usava sempre a tecla de retrocesso
para eliminar o personagem
citado somente na primeira página dos livros de receitas

escritos pela filha do dono da editora;
também eliminava os parágrafos com “reserve”.

Retornava à leitura sempre que achava
que havia lido um livro em velocidade 2x
e classificava o livro no site da editora com uma estrela,
pois livro bom era livro não lido.

Não era por ter tido minha obra renegada por editoras,
leitores e parentes próximos e longínquos,
que eu,
um candidato a escritor,
devesse desistir de fazer caminhadas.

Palavras sujas deviam ser escondidas por fontes transparentes
e as carinhosas abraçadas por um abre e fecha parênteses;
nomes de personagens em minúsculo
ajudavam a escondê-los
no caso de terem roubado os travessões durante um diálogo.

Ao invés de usar nomes de elementos químicos em possíveis textos de ficção,
citava o peso atômico do elemento
e colocava um índice subscrito no mesmo,
que levava o leitor a um link colocado no apêndice
que o direcionava para uma tabela periódica tridimensional
em algum lugar perto do céu.

Meus livros não vendiam
porque a falta de ilustrações
acabava por não colaborar com o diagramador;
Juliana era meu alento
e minha diagramadora.

Uma linha em branco criava tempo para o leitor piscar os olhos,
duas,
o leitor ajustava os óculos;
uma página em branco esquecida no meio de um texto qualquer
dava vida à leitura,
o leitor começava a entender o drama.

Usava lubrificantes nos diálogos com atrito,
lixava as palavras ásperas,
inundava o deserto da espontaneidade com cenas de terror.

Desobstruía o ralo do box,
(entupido de ideias para os desfechos de intrigas surgidas na novela)
durante o banho;
ajustava a temperatura para palavras quentes.

Esquecia de propósito meu livro dormindo de braços
sobre a enciclopédia nacional sueca
para evitar escrever números por extenso,
mas quando estava sem ideias escrevia os números das páginas por extenso
e aumentava as margens da página A5
até completar as cento e sessenta páginas exigidas pela editora.

Se eu não conseguisse dividir bem o tamanho dos parágrafos,
colocava uma vírgula no meio exato da palavra “dividido”
para deixar o texto confuso.

Substituía os desenhos dos mapas
por uma descrição poética
permitindo que o leitor descobrisse o local do tesouro enterrado
enfileirando as primeiras letras de cada verso.

Gostava de usar caneta tinteiro
para escrever em blocos de papel de seda;
algumas palavras,
como a água na terra trincada,
navegavam em filetes azuis
que se infiltravam nas folhas inferiores;
a folha abaixo mostrava em tinta fresca
somente as palavras de amor
derramadas em excesso na folha de cima.

Cortava os subtítulos,
os sobrenomes do meio,
os Ts e os 7s,
furava o dedo indicador com um testador de glicose
antes de apontar para a marca d'água
no certificado de participação em uma antologia gratuita.

Sublinhava as palavras por cima,
colocava o cedilha em cima do C
e os acentos embaixo das letras
para desviar a atenção do leitor
para a nova reforma ortográfica.

Arrastava a lixeira com as folhas amassadas dos meus rascunhos
para a entrada do posfácio
para que pudessem tomar um pouco de sol ao entardecer.

Substituí os pingos nos Is por pregos que atravessavam todo o livro,
no caso dos tremas utilizava grampos de cerca;
isso ajudava a fixar meu livro na base do ranking.

O feirante deixava meus livros espalhados ao sol na calçada
analisando com cuidado o coeficiente de dilatação de cada letra
para que o texto não transbordasse;
ele também recortava as figuras de linguagem
e as colava sobre o logotipo da editora.

Uma traça poderia me indicar
quais páginas do meu livro estavam mal escritas,
enquanto livros lidos até o final
eram permitidos dentro de aparelhos de ressonância magnética.

Preferia dizer “eu só li da metade para frente”
ao invés de
“eu só li até a metade”;
era diferente ler e não entender.

Pendurava um poema no varal
para secar ao vento da maresia,
à sombra,
para que os desejos de Juliana não fritassem ao sol do Rio de Janeiro;
o último verso não conseguia se manter pendurado
nas argolas dos Os do penúltimo verso
vindo a conhecer as areias de Copacabana;
jogava um poema melancólico nas ondas
para se espatifar nas areias
que encobriam bibliotecas arqueológicas.

Das viagens trazia somente as fotos das capas dos livros que via
e as selfies nas entradas das bibliotecas
com as portas fechadas.

Juliana cortava o início e o fim dos meus textos
para me chatear
e para que pudessem ser aprovados
para a publicação.

Coloquei o cursor após o ponto final do meu primeiro livro
e mantive pressionada a tecla de backspace;
medi o tempo até que o cursor parasse antes do título;
pude calcular o espaço ocupado pelo texto
identificando o tamanho da fonte usada
e multiplicando pelo número de caracteres do livro incluindo espaços;
pronto!
eu tinha as variáveis para calcular a velocidade
com que se apaga um livro no prelo;
daí dividi por oito bilhões
e obtive a velocidade média de leitura do meu livro
pelos futuros inexistentes leitores.

Quando ia ao estádio levava um binóculo
e observava se existia um livro
debaixo da garrafa d'água do goleiro ao lado da trave.

Abria um livro de forma aleatória,
colocava três rodela de tomate e duas folhas de alface dentro
e o guardava na última prateleira da estante
para que meus netos pudessem observar o efeito da escrita criativa.

Experimentava eliminar os clichês
escrevendo-os de trás para frente;
resultava em outros clichês.

No meu décimo livro decidi que cada letra teria uma cor,
o papel couchê seria preto
e a capa monocromática,
para que crianças pudessem pintá-la
e adultos pudessem recolorir suas córneas avermelhadas durante a leitura;
o índice era feito com números romanos
porque o romance era à italiana.

Usava spray antiferrugem
nos tipos da máquina de escrever
para facilitar deslizar a escrita à mão sobre o papel de carta
que abraçava o poema que abraçava Juliana;
a fita da máquina era preta e vermelha
porque o curso intensivo de datilografia
era realizado pela manhã e à tarde.

Virava noites para psicografar os textos sobre minha infância
onde adultos não sabiam ler

e adolescentes rasgavam livros;
os contos cobriam toda a superfície da praça central da cidade natal,
os poemas cobriam todas as ruas,
as novelas cobriam todos os morros,
os romances cobriam a ponta do para-raios
na torre da matriz;
depois aprendi que era necessário revisar textos.

Deixava de lado o poema mal escrito que me aborrecia
como também os bons contos que me inspiravam;
deixava de lado a prova da primeira impressão do livro
porque de frente meu pseudônimo me assustava.

Plantava um conto a partir da combinação de mudas de dois poemas;
dava frutos sem sementes
sem dar flor
porque não tinha ninguém que gostava de rosas;
o tema era a fome no palácio;
o rei comia um S,
devolvia o S a revisora.

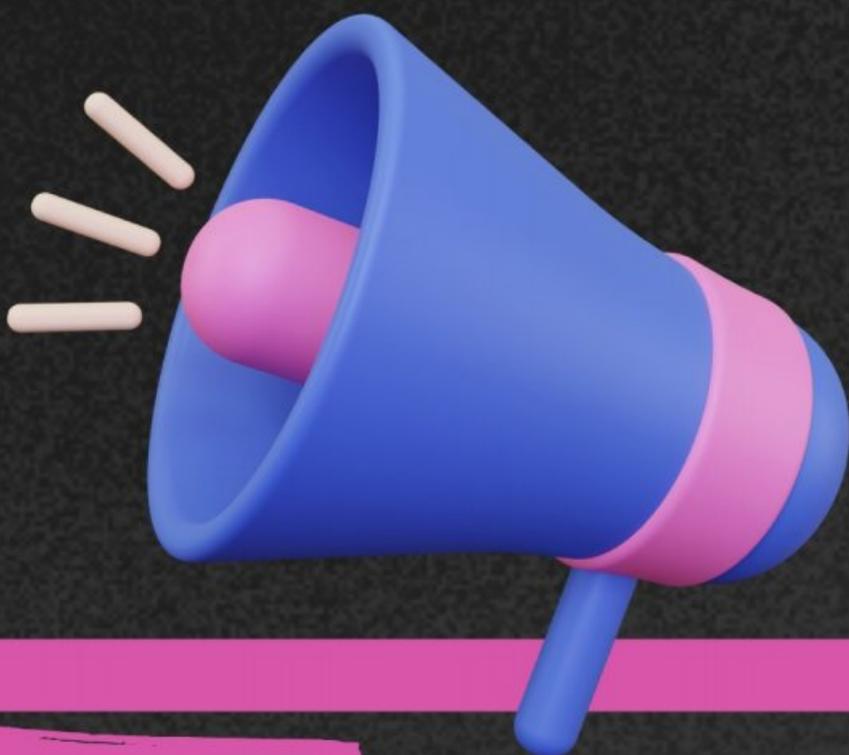
Um dia fiz um contrato com uma funerária
para estampar algumas páginas do meu último livro
no verso da tampa da minha urna;
terei pouco tempo para reescrevê-las antes da cremação.

Valério Maronni publicou *O menino contador* pela Amazon KDP. Criou os blogs *julianavrsempoluição* e *o-contografista*. Participou de coletâneas das editoras Pangeia, Andross, Sinete e Perse. Publicou nas revistas *Subtextos*, *Conexão Literatura* e *LiteraLivre*.

www.revistaconexaoliteratura.com.br

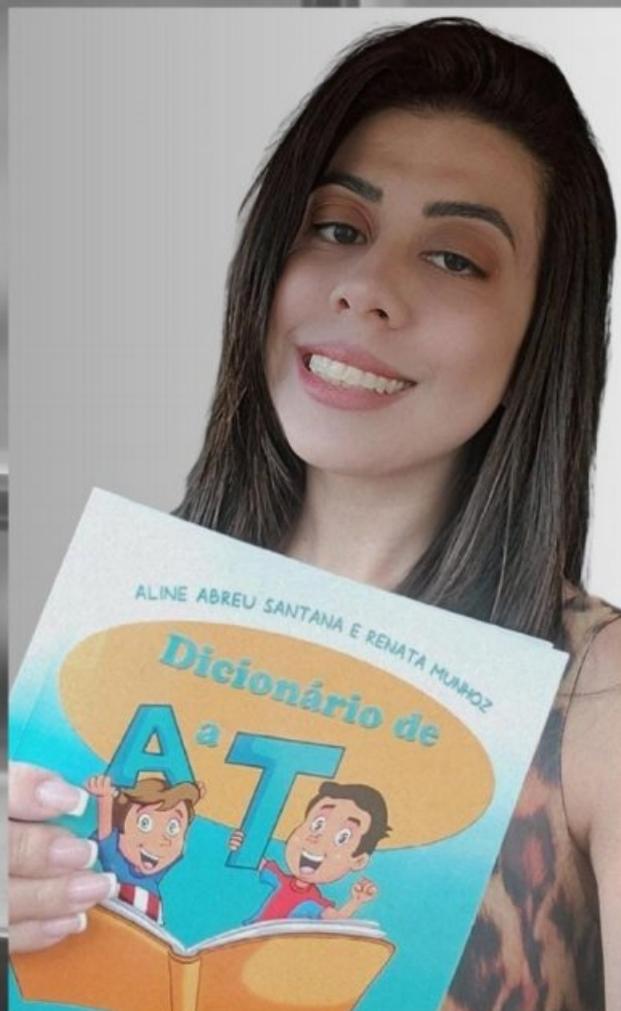
VOCÊ NÃO SABE COMO DIVULGAR O SEU LIVRO?

FIQUE TRANQUILO. NÓS
FAZEMOS ISSO PARA VOCÊ!



CLIQUE AQUI E SAIBA MAIS

Aline Abreu Santana, natural de São Paulo, SP, Brasil, é Professora de Línguas e suas Literaturas para a educação básica, bem como escritora de livros didáticos e paradidáticos. Com uma sólida formação acadêmica, incluindo a obtenção do título de Mestra em "Science in Emergent Technologies in Education" pela MUST University, em Miami, FL, USA, Aline também é especialista e pós-graduada em Língua Portuguesa e suas Literaturas e possui especializações em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica, além de ser graduada em Letras pela UniFMU-SP.



ALINE ABREU SANTANA



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Aline Abreu Santana: Meu ingresso no meio literário foi bastante orgânico, fruto de minha paixão pela literatura desde a infância. Comecei escrevendo pequenos contos e poesias durante a escola. Eu ainda tenho uma coletânea de artigos que mandei imprimir em uma gráfica e encadernar em espiral durante minha graduação — um investimento que valeu a pena, apesar do custo (risos). Naquela época, como estudante de uma universidade privada e beneficiária de bolsa de estudos, tive meu primeiro contato com os artigos acadêmicos. Todos os anos, eu me candidatava a uma vaga de iniciação científica e, para minha surpresa, sempre era selecionada! A possibilidade de mergulhar no mundo da linguagem e de compartilhar esses aprendizados sempre me impulsionou nesta trajetória profissional.

Conexão Literatura: Você é pesquisadora e escritora de textos científicos. Poderia comentar?

Aline Abreu Santana: Sim, a pesquisa é uma parte fundamental do meu trabalho. Escrevo frequentemente artigos científicos que são publicados em revistas nacionais e internacionais, abordando diversos temas da educação e linguística. Essa prática não apenas enriquece meu próprio entendimento, mas também contribui para o campo acadêmico, oferecendo novas perspectivas e metodologias para o ensino de línguas.

Conexão Literatura: Os artigos científicos que você escreve abordam quais temáticas?

Aline Abreu Santana: Nos últimos dois anos, dediquei-me principalmente ao estudo das tecnologias emergentes na educação. Meu interesse se concentra em como essas tecnologias impactam o processo de aprendizagem dentro das salas de aula e fora delas. Além disso, exploro as questões de exclusão tecnológica, reconhecendo que o acesso desigual à tecnologia é uma realidade significativa. Outro ponto crucial dos meus estudos é a preparação dos educadores e das comunidades escolares. Defendo a importância de oferecer formação contínua a todos os envolvidos no processo educativo para que possam se adaptar e responder efetivamente às demandas da educação moderna.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Aline Abreu Santana: Meu processo de criação é intensamente inspirado pelo meu entorno e pela minha experiência como educadora. Gosto de observar as interações linguísticas e culturais, e isso frequentemente serve de base para meus escritos. A natureza dinâmica da linguagem e seu poder de moldar relações sociais e culturais são as maiores fontes de minha inspiração. E as fontes são variadas. Por exemplo, o “Dicionário de A a T” foi inspirado em meu filho, Theodoro, e seu amigo Augusto. Já a coleção de 2022 do

programa "Inteligência para a Vida Educa", desenvolvida por mim e mais duas profissionais — a doutora e professora Renata Munhoz e a pesquisadora universitária Rogéria Freire —, foi inspirada em nossos alunos em idade escolar. Este projeto é um programa socioemocional único, destinado a jovens do Ensino Médio, e conta com o aval do renomado professor Rossandro Klinjey. É concebido como um projeto de vida, visando apoiar o desenvolvimento integral dos estudantes. Bem, para esse projeto o que me inspirou? Óbvio — minha jornada de mais de 20 anos em sala de aula!

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de um dos seus livros especialmente para os nossos leitores?

Aline Abreu Santana: Claro, vou compartilhar um trecho do ‘Dicionário de A a T’, porque eu quero que os leitores se encantem com a doçura de nossas crianças. Vou deixar aqui as duas primeiras poesias do dicionário de homônimos e parônimos. Aqui, Augusto e Theo brincam com a descoberta dos variados significados da palavra ARTE:

THEODORO DESCOBRE A ARTE

“O THEO JÁ VAI PRA ESCOLA,
JÁ LÊ ALGUMAS LETRINHAS,
JÁ FAZ ALGUMAS CONTINHAS,
RAPIDINHO, NÃO ENROLA!

PEGA TINTA E PAPEL,
DESENHA UM LINDO CÉU,
E DESCOBRE QUE HÁ ARTE,
COBRINDO TODA PARTE!

GUTO GOSTA DE FAZER ARTE

"GUTO, MENINO MOLEQUE.
UM DIA, SUBIU NA PIA,
COMEU O PATÊ DA TIA,
TROCOU A NOITE PELO DIA.

TOMBOU O PAPÁ DO CÃO,
LEVOU ATÉ BELISCÃO.
GUTO ERA APRENDIZ,
FAZIA ARTE FELIZ!"

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Aline Abreu Santana: A leitura no Brasil enfrenta desafios significativos, principalmente no que diz respeito ao acesso e ao engajamento. Precisamos criar mais oportunidades para que a leitura seja vista não apenas como uma obrigação escolar, mas como uma fonte de prazer e descoberta pessoal. Além disso, devemos considerar as mudanças nos

hábitos dos leitores, especialmente entre os jovens, agora frequentemente denominados “*screenagers*”, que fazem grande parte de suas leituras em telas. Isso nos obriga a pensar em estratégias que utilizem a tecnologia de maneira a incentivar a leitura, sem perder de vista a importância do conteúdo e da qualidade literária.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Aline Abreu Santana: Meus livros podem ser adquiridos diretamente nas livrarias ou através de plataformas *online*. Informações detalhadas sobre meu trabalho estão disponíveis no meu currículo [Lattes](#) e no perfil [ORCID](#).

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Aline Abreu Santana: Atualmente, estou trabalhando em uma série de workshops educacionais que visam integrar tecnologias emergentes no ensino de línguas. Também estou em fase de lançamento do meu livro “Fui mandado embora, e agora? O melhor está por vir”. Será lançado pela Editora Ases da Literatura e terá o selo **AUTOVOO**, um selo especial para livros e materiais que inspiram, ajudam e elevam a vida das pessoas de alguma forma. Por isso, ele será distribuído em formato digital e físico em 13 países, disponível para compra em todos os continentes, alcançando mais de 270 milhões de falantes de língua portuguesa pelo mundo. O leitor terá acesso ao livro com um clique, podendo comprar de onde estiver!

Perguntas rápidas:

Um livro: “Cem Anos de Solidão” de Gabriel García Márquez

Um ator ou atriz: Fernanda Torres

Um filme: “Matilda”

Um hobby: Assistir a TODOS os realities de competição que há na TV

Um dia especial: O nascimento de Theodoro

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Aline Abreu Santana: Gostaria de encorajar todos a explorarem a riqueza da literatura e da linguagem. Cada palavra que lemos e escrevemos é uma janela para novos mundos e perspectivas. Agradeço pela oportunidade de compartilhar um pouco sobre meu trabalho e minha paixão pela educação e pela literatura.



DIVULGUE O SEU
LIVRO OU TEXTO NA



Revista Projeto AutoEstima

Entrevista: R\$ 180,00

Entrevista. Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

Texto: R\$ 70,00

Poema até 2 páginas, R\$ 70,00

Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

Contato: elenir@cranik.com C/ ELENIR ALVES

Natália Macedo é docente da rede pública de Barretos. Formou-se em 2019, mas antes disso já publicava textos científicos.

Hoje é articulista do jornal de Barretos, já escreveu para o jornal O diário, e tem publicações em instituições privadas e públicas.



NATÁLIA

MACEDO



Entrevista

Conexão Literatura: Você é articulista e escritora de textos científicos. Poderia comentar?

Natália Macedo: Sim, desde quando fazia a licenciatura já tinha grande interesse em participar de eventos científicos no qual o encanto se estendeu após a formação, tendo abertura de faculdades e jornais para publicações.

Conexão Literatura: Os artigos científicos que você escreve abordam quais temáticas?

Natália Macedo: Inclusão, educação, racismo e vida docente.

Conexão Literatura: Quais os desafios para escrever e quais são as suas inspirações?

Natália Macedo: Em toda publicação me vejo com bastante preocupação e isso estará visível a todos, e a maior preocupação é no que transmitir ao leitor, tentando levar o melhor, porém é um caminho que vai aperfeiçoando com a prática. Inspirações são família e amigos.

Conexão Literatura: Poderia comentar sobre a atuação do professor nos dias de hoje?

Natália Macedo: É desafiador e nos encontramos com muita dificuldade, isso desde a indisciplina de alunos como a valorização do professor, portanto é recomendável a formação contínua do docente, para atualização e preparação frente aos desafios atuais da educação.

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Natália Macedo: Vejo que a leitura está bem tecnológica e as pessoas preferem meios digitais para a leitura.

As redes sociais vêm sendo meios atrativos para leituras, propagandas, música, etc.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Natália Macedo: Sim, mestrado no qual já cheguei a iniciar um projeto de pesquisa.

Conexão Literatura: Você também é poetisa?

Natália Macedo: Risos, estou no caminho, porém o drama sempre foi minha paixão desde filmes, romance, literatura e música.

Perguntas rápidas:

Um livro: Cidade de Papel
Um ator ou atriz: Cara Delevingne
Um sonho: Mestrado
Um filme: Os consumos de Becky bloom
Um hobby: Escrever
Um dia especial: Nascimento das sobrinhas

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Natália Macedo: Embarcar neste mundo é se aventurar e se descobrir e quem gosta, proponho adentrar e acreditar em si, pois é um passo primordial.



Novos vídeos no canal
CONEXÃO NERD



INSCREVA-SE

www.youtube.com/conexaonerd

**APRESENTADO POR
ADEMIR PASCALE**



Ramon Felipe nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, no fim do século XX. Graduado em letras e pós-graduado em docência no ensino superior, o professor possui contribuições em revistas culturais com leitores no Brasil, e em países como Portugal, França e Inglaterra. Em 2021, recebeu certificado por trabalho em destaque no Festival Literário de São Miguel do Gostoso. É autor de "As primeiras flores de Manhattan" e "Girassóis Fantasmagóricos".

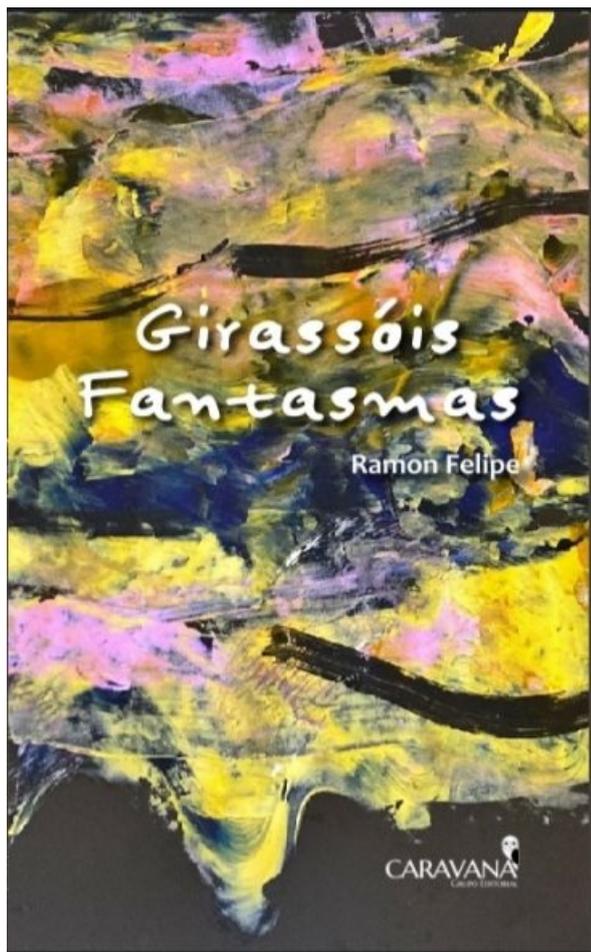


RAMON FELIPE

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Ramon Felipe: Bom, escrevo há mais de dez anos. No início, comecei por influência de músicos que apresentam um alto lirismo em suas letras. Posso dizer que a oralidade foi um fator importante no começo, pois através das declamações e indicações dos meus textos, pude começar no meio literário (antes mesmo de publicar o primeiro livro).



Conexão Literatura: Você é autor do livro "Girassóis Fantasma". Poderia comentar?

Ramon Felipe: É um livro que eu gostaria de ler como se não fosse meu. Acho isso importante, pois me passa a sensação de que fui sincero com meus ideais, meus sentimentos e minhas memórias. O livro é alicerçado em algo que tanto fazemos na vida: caminhar na linha tênue entre a beleza e a dor. Então, em *Girassóis Fantasma*, há poemas de amor, poemas que versam sobre a admiração que tenho por pessoas próximas; e ao mesmo tempo, estão presentes textos que trazem eventos históricos, pautas sociais, diálogos internos. Uma coisa muito importante: atenção nos títulos e epígrafes, pois em alguns momentos, o leitor precisa aguçar o seu lado pesquisador para ter uma experiência mais completa.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Ramon Felipe: São várias variáveis envolvidas. Em alguns dias, sinto que posso produzir algo, então, coloco uma música que "casa" com o que estou sentindo no momento (do dia ou daquela fase da vida). *Girassóis Fantasma* foi escrito ao som de Neil Young, Racionais MC's, Rita Lee, Legião Urbana, Djavan, Tânia Maria...

Nos últimos meses, tenho lido Keats, Ana Martins Marques, Maíra Dal'Maz, Alejandra Pizarnik, Neruda e um tanto de literatura russa. Tenho influências diversas, mas que se encontram em minha poesia.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Ramon Felipe: Será um prazer. Há um poema que escrevi em homenagem ao filho de uma grande amiga: a Prof. Me. Louize Lidiane Lima de Moura.

Eis, então, o poema:

PARA NOAH

*Os olhos de tua mãe não mentem.
Hilda Hilst mora neles.
Ela vive,
escreve,
toma café,
suspira no alto do Elevador Lacerda.*

*Os olhos de tua mãe,
carregados de versos e bosques,
me dão algumas certezas*

*Ela: eterna noiva dos fatores naturais
Tu: futuro libertador de pássaros cativos.*

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Ramon Felipe: Para adquirir, basta entrar neste link:
<https://caravanagrupoeditorial.com.br/produto/girassois-fantasmas/>

Para me conhecer mais, estou no Instagram como poetaramonfelipe. Lá, poderão perceber que muito do que escrevo está em meu cotidiano.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Ramon Felipe: Escrevam. Pode parecer lógico, mas quando se está no início, há um receio com os próprios textos. É preciso liberdade, é preciso escrever sem o peso de pensar em um Nobel, por exemplo. Outra coisa que considero muito importante: construção de repertório. Leia, assista, ouça, converse, sinta – a experiência humana pede isso. E não desista de publicar. A cena segue um tanto desafiadora, mas siga em frente. Publicar é um direito.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Ramon Felipe: No momento, não estou produzindo. Tenho rascunhos, mas não tenho pressa. Pretendo escrever em prosa, mas quero amadurecer a ideia. Inclusive, quero trazer ainda mais pra perto as minhas influências do cinema e das artes plásticas.

Perguntas rápidas:

Um livro: Noites Brancas

Um ator ou atriz: Sidney Poitier e Anne Hathaway

Um filme: Sociedade dos Poetas Mortos

Uma cena: o nome do filme é *“Manhattan”*. Amo a fotografia daquele filme. A cena é a do casal sentado em um banquinho de madeira, conversando em frente às luzes acesas da Queensboro Bridge...

Um hobby: Pintar quadros

Uma música: Titãs – Epitáfio

Um dia especial: Em uma experiência tão vasta como a vida, é sempre difícil precisar algo especificamente. Então... foram especiais os dias em que recebi um abraço verdadeiro, sem formalidades.

Conexão Literatura: Aos olhos de um poeta, o que é o amor?

Ramon Felipe: O amor (em sua essência) é uma ação. Não falo somente do amor 'romântico', falo do amor presente nas amizades, nos laços familiares. Se você ama, não deve amar apenas com palavras. Certa vez, li algo que trouxe pra vida: permita que as pessoas saibam que são amadas. Não deixe dúvidas sobre o seu amor, pois o tempo é tão implacável...

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ramon Felipe: Quero agradecer o espaço na revista de vocês, e deixar agradecimentos aos meus pais, amigos e leitores. Claro, deixo um carinho especial para minha eterna professora Dinalva Tavares. Um forte abraço - diretamente de Natal - RN!



PARTICIPE DA ANTOLOGIA
POESIAS AO VENTO

VOL. IX

Organizador
Ademir Pascale

E-BOOK

ANTOLOGIA NACIONAL

POESIAS
AO VENTO

Vol. IX

saiba mais: [clique aqui](#)

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

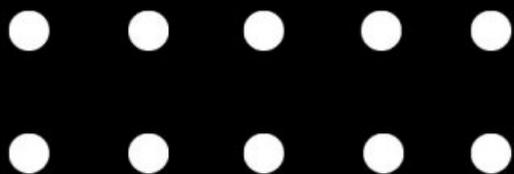
Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademir@divulgalivros.org



Sobre a publicação

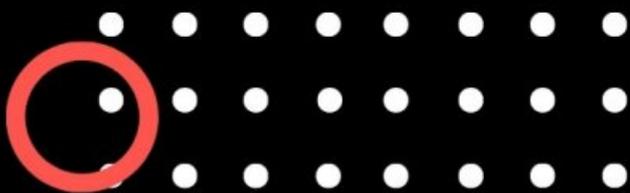
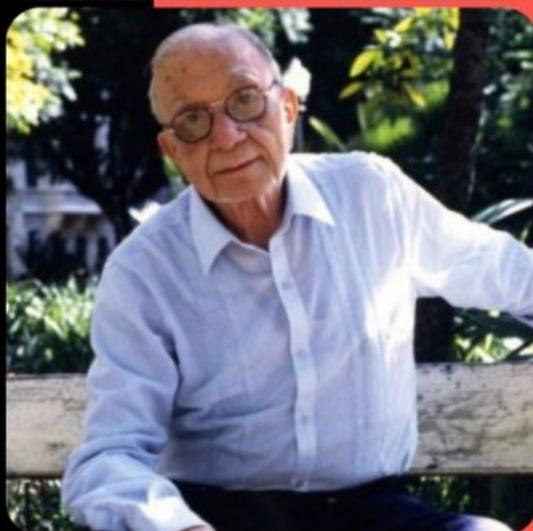
O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademir@divulgalivros.org



CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na
Revista Conexão Literatura





Tão bom morrer de amor!
E continuar vivendo...

MARIO QUINTANA



Sim, minha força está na
solidão. Não tenho medo
nem de chuvas tempestivas
nem das grandes ventanias
soltas, pois eu também sou
o escuro da noite.

CLARICE LISPECTOR



Há certas coisas que não
haveria mesmo ocasião de
as colocarmos
sensatamente numa
conversa - e que só num
poema estão no seu lugar.

MARIO QUINTANA

Tire o seu conto ou poema da
gaveta

ANTOLOGIAS

Selo Conexão Literatura

Participe das antologias da
Revista Conexão Literatura

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Leia os editais
CLIQUE AQUI



POR GILMAR DUARTE ROCHA

O PREDADOR

O bafo quente e úmido dos dias que principiavam o outono tornava a vida extremamente desconfortável para quem sobrevivia ao redor da lagoa das Acácias, que ficava bem no centro da depressão que separa a cordilheira do Vale do Jequiriçá das terras altas da região cacauieira baiana. As águas represadas da lagoa pareciam uma fornalha às cinco e meia da tarde, quando sol começava a abandonar esse mundo de meu Deus e a lua, em quarto novo, esquecia a sua missão de aluminar o mundo depois do astro rei se debandar para a outra banda da Terra.

Aquele era o horário habitual que Preta Santinha, a virgem mais cobiçada de Vila das Acácias, filha mais nova de Sinhá Januária, que possuía hábitos e comportamentos inusuais para moças que atingiam o ápice da adolescência, como banhar-se às margens das águas plácidas da lagoa, desprovida completamente de roupa, exibindo o corpo escultural que Deus lhe deu e quem só tinha a primazia de contemplar aquele monumento da natureza eram as palmeiras, as ingazeiras, as imbuías, os angicos, os pássaros tropicais, as aves noturnas, enfim a fauna e a flora que habitavam a mata da região.

Ela cumpria sempre uma espécie de ritual antes de entrar na água: estendia os braços delgados e longilíneos para o céu, segurando na mão direita uma pequena imagem de barro de Santa Edwiges; fechava os olhos nesse instante e parecia entoar uma oração numa língua esquisita, talvez uma mistura de nagô que aprendia nas rezas e nos rituais afros que a sua mãe praticava, com outra língua ou dialeto do povo originário do baixo sertão baiano. Além da imagem da santa, a jovem sensual, de pele negra, quase negra, de nuance sapoti com tons de jambo, enrolava pulseiras, rosários e miçangas em todo o corpo e encerrava o ritual com um cântico fino e estridente, que espantava toda a passarada das árvores do entorno.

A lagoa não possuía animal caçador de qualquer espécie, fazendo com que os cardumes de tilápias, traíras, bagres, acaris se proliferassem e servissem de alimento farto para o povo do lugar, que costumava lançar as suas redes e jogar os anzóis nas águas turvas na primeira hora da alvorada, a hora em que os peixes “cochilavam famintos”, como diziam os pescadores experientes do lugar.

A lagoa não possuía animal que caçava e isso era certo. Mas o que os catingueiros da região não sabiam era que, cerca de mês e meio atrás, começava a aparecer naquelas águas um grande predador, um animal de origem desconhecida, de pele escura, repleta de camadas grossas como fosse a mistura de peixe com um grande crustáceo; tinha dedos compridos e unhas longas, providos de barbatanas entre os dedos, como se fosse um pé de pato. O animal de espécie inédita, de rosto horrendo e possuidor de dentes pontiagudos, de dia, costumava se esconder não se sabia onde; à noite, começava a bater as suas garras na água justamente no ponto oposto de onde a donzela Santinha costumava se banhar.

O animal se escondia por detrás das troças de bambu, dos troncos caídos de árvore e só deixava exposto fora d'água apenas a testa medonha e um par de olhos de tamanho descomunal, com a íris amarelada e pupilas negras e verticais, assim como as pupilas de víboras venenosas.

O ser predador acompanhou o ritual da inusitada banhista por mais de mês, até que em uma noite de lua vaga, se é que pode se ver beleza em mata de noite sem lua, ele levantou os seus braços longos; estendeu as suas garras pontiagudas e começou a nadar furtivamente para a outra margem da lagoa, exatamente na hora em que Santinha começava a vestir o seu colorido vestido de chita e dava por encerrado o seu ritual do crepúsculo.

Quando ela calçava as alpercatas e se preparava para pegar a picada que ligava aquele braço de lagoa até a sua casa, distante uns quinhentos metros daquele ponto, o predador irrompeu de vez de dentro da água e atacou a moça com toda a fúria e saciedade desse mundo. Talvez mais saciedade do que fúria, porque antes de esganá-la até a morte, o monstro não se furtou em lambar todo o corpo da vítima e violar de forma vil e cruel a sua virgindade.

Dia seguinte, em torno de dez horas da manhã, quando o sol castigava ainda mais os viventes do lugar, a casa de Sinhá Januária parecia um templo onde se professavam diversas religiões, com muita oração, muito uivo, alguma gritaria e o barulho insuportável do choro das carpideiras.

O corpo morto de Santinha, que foi vestido todo de branco, jazia em cima de um andor sustentado por quatro troncos robustos do mais puro jequitibá, rodeado de flores de todas as cores e aromas. O andor estendia-se no meio do grande salão de chão de barro batido, local onde Sinhá Januária atendia os deuses e os seus receptores, costumeiramente todos os sábados à noite.

A velha senhora, sentada numa cadeira de vime no canto do salão, abanada como uma rainha caía magra por suas filhas e sobrinhas, parecia conformada com a tragédia que se abateu sobre a sua caçula querida e murmurava a toda hora olhando para os céus: “Ogum não perdoa a quem não cumpre os seus preceitos; não fui fiel a ele e ele me cobrou da maneira mais cruel. Mas Ogum sabe o que faz”.

O enterro estava marcado para às cinco horas da tarde daquele dia de sábado, no cemitério de Vila das Acácias. As oito irmãs da finada Santinha cuidaram de paramentar o corpo da maculada como se fosse uma santa de verdade e o perfume de jasmim peregrinava por todo o terreiro.

Quase todos os habitantes da vila estavam presentes durante o velório. Até o granjeiro Agripino, católico fervoroso e crítico da religião dos deuses de África, estava lá com família e tudo. Improvisaram uma fila para que os presentes pudessem ver de perto e pela última vez a face angelical da jovem infortunada. Quando chegou a hora de um rapaz de alcunha Nico Doido passar para contemplar a defunta, eis que ele parou em frente ao caixão e pronunciou algumas palavras desconexas: “Meninas”, olhou para as irmãs da morta, “Está faltando a terça parte do rosário de búzio e marfim que está no pescoço dela... ela adora esse rosário”. A reação dos caboclos do lugar foi imediata: “Tira esse

maluco daí!”, “Sai fora, seu doido, respeita a finada Santinha”, “Leva esse seu filho maluco para casa, Idelfonso”. Por fim, minutos depois do amalucado sair do recinto, tudo voltou ao normal. Mas Nico Doido apenas havia saído do velório. Assim que ele saiu do terreiro, seguiu direto para o cemitério e não deixaria de ver o enterro de sua querida amiga por nada deste mundo.

No cemitério, quando o caixão descia para as quintas da eternidade, o chororô foi generalizado. Albertina, uma mãe de santo, foi possuída repentinamente por uma entidade e entrou em colapso; escorregou no barraco lamacento da beira da cova e despencou em cima do caixão de Santinha. A confusão só esmaeceu com a retirada forçada da mulher que havia entrado em estado de transe e loucura total. Não obstante esse imprevisto, a cerimônia de cobertura da cova ainda teve que ser adiada devido à chegada (atrasada) do prefeito de Rio Fino, sede do povoado de Vila das Acácias.

O homem importante, todo vestido de branco e ostentando um chapelão de abas mexicanas, olhou com os olhos aparentemente lacrimosos para o caixão e disse: “Sinhá Januária, designei uma junta de guardas para investigar melhor esse caso e, se foi mesmo uma besta que abateu a sua santinha, vamos esquartejar o monstro e mandá-lo para o inferno. Por enquanto, o que posso fazer pela senhora é oferecer um milhão de cruzeiros, para custear o enterro da santinha e mandar construir uma estátua em homenagem a ela bem no meio da praça de Vila das Acácias”.

Sinhá Januária, sempre ativa e serena, apenas balançou a cabeça denotando aceitar os regalos do político maior da região. Nada mais disse.

Aconteceu que Nico Doido se arrastando que nem lagarto pelo chão conseguiu burlar os capangas que faziam a segurança do prefeito de nome Astrogildo Siqueira e ficou bem perto do homem importante, que trajava branco dos sapatos ao sombreiro. Nico, com os olhos bem arregalados, acompanhava todos os movimentos do prefeito e viu apuradamente (sem ser notado) a hora em que o homem de branco colocou a mão no bolso polpudo e sacou um maço de um milhão de cruzeiros do bolso. Só que junto com o maço de dinheiro uma coisa brilhante saiu de dentro do bolso de Astrogildo e só Nico Doido percebeu isso. Era um terço de rosário composto de búzios e pequenos dentes de marfim que foi parar caprichosamente na terra de grama fofa ao lado do sapato branco do político. Nico, com a agilidade de um felino, arrebatoou o pedaço de rosário; levantou-se e mostrou a todos: “Olha, olha o que estava no bolso do prefeito. O terço que falta no rosário preferido de Santinha e que ela está indo levar para Deus”.

Não precisa dizer que o mundo veio abaixo. Ninguém entendia nada. Então o prefeito, esperto como todo político ladino, retrucou: “Esse retardado, filho do pobre Idelfonso, deve ter colocado esse troço aqui debaixo dos meus pés para me incriminar. Levem esse maluco para o hospício de Jequié”. “Não, senhor, não”, gritava Nico Doido, “Isso que eu mostrei é apenas um terço do rosário sem o crucifixo, que deve estar ainda no bolso do senhor”. O prefeito ficou transfigurado e ordenou que levassem o rapaz para o hospício que ele havia mencionado. Nisso, um rapaz negro bem trajado, saiu de perto

do local onde estava a ainda serena Sinhá Januária e se dirigiu ao prefeito: “Prefeito, eu sou juiz José Carmo do Santos. Assumi a comarca de Jaguaquara essa semana. Sou filho adotivo de mãe Januária. O senhor poderia por gentileza esvaziar os bolsos. Acho que seria um ato sensato de sua parte e o senhor ganharia o respeito e os votos de toda a comunidade de Vila das Acácias”. O prefeito bufou, esbravejou, xingou o rapaz, cometeu crime de racismo, no entanto, foi contido por Viriato Seabra, um cabo da polícia que fazia às vezes de delegado da vila: “Doutor Astrogildo, faça o que o magistrado está mandando; o senhor pode ser levado para Salvador pelas palavras que o senhor dirigiu a ele hoje aqui?”. Nisso, Albertina, a mãe de santo possuída e que havia voltado ao cemitério, deu um salto em cima do prefeito e arrancou com as mãos fortes tudo que estava no bolso da calça frouxa do comandante da cidade. Nico Doido tinha razão: entre chaves, chaveiros e moedas que estavam no bolso do homem grande, caiu no chão vermelho da beira da cova um crucifixo fulgente, de cor prateada e cravejado de pequenos e brilhantes cristais. “Nossa senhora!”, exclamou Nico Doido, completando: “Como o pescoço do prefeito está vermelho e cheio de escamas!”. O se seguiu foi uma transmutação extraordinária de um político em público. Uma história que um dia ainda vai ser contada por inteiro.



Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.



POR IDICAMPOS

XADREZ

Iniciou o prazer pelo jogo de xadrez na escola, aprendeu com o professor, estudando nos temas transversais do currículo...

Entender que as 64 casas ocupadas por 32 peças, sendo 16 brancas, 16 pretas, foi fácil; difícil administrar 6 movimentos diferentes no tabuleiro de xadrez.

O adolescente de Caxias via no confronto algumas perguntas: Deveria almejar uma profissão lucrativa? Caso positivo, qual seria? Recuar nas atitudes egoístas ou almejar ao lucro? Avançar recuando por quê? Por que recuar depois avançar?

Agia no primeiro emprego feito peão, olhava à frente, só observava o conjunto mediante ameaça escancarada, servia, passivamente, ao patrão! O rei, a majestade da luta de classes...

No sexo era um cavalo, a coitada da mulher reclamava dos coices do jumento, sujeita àquela performance de atleta; submetida ao machismo nos limites das quatro linhas.

Um religioso que limpava o templo para pagar os pegados descobertos pelo sacerdote... Cumpria as regras sem pestanejar, tinha por regra jamais questionar os parâmetros da disputa.

Nos domínios do seu castelo, erguia as torres da moral; quando podia, de vez enquanto, saía com a vizinha, mas a esposa nunca sabia. Afinal dominava o conhecimento do perímetro, manipulava os adversários.

Deu um xeque mate no destino, saiu da miséria, pulou na classe média, recebeu das mãos do diretor da universidade o diploma de Senhor Advogado! Ciente das leis soltou a linha na pipa, brilhou sozinho na alienação da sua imaginação.

Entediado com o poder adquirido, tomou um porre, mandou todo mundo pra... Cansou do preto no branco, da jogada sem sentido, comprou duas passagens pra Lua, na aeronave do doutor; raptou a amante do lado, numa atitude lunática, partiu ao mundo da lua, virou o jogo, agora é o dono do seu próprio tabuleiro.

Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA
POESIAS AO LUAR
VOL.VIII

**POESIAS AO
LUAR**
VOL. VIII

E-BOOK

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

saiba mais: clique aqui



POR IRACI J. MARIN

UMA VIAGEM

Tinha qualquer coisa de errado com ele. Percebi isto logo que embarquei no veículo que nos conduziria para o destino programado. Seu modo brusco de dirigir e de falar e sua postura impositiva me fizeram confinar-me no assento traseiro. Dormi em vários trechos da rodovia. Nestas ocasiões, nem a música alta, nem a voz forte dele me perturbaram.

Aquela viagem não foi uma experiência feliz, ao contrário de tantas que fizera no mesmo trajeto. O deslocamento entre os dois pontos, o de partida e o de chegada, tinha diversas variantes. Escolhi aquela, naquele dia, em razão das vantagens que me oferecia. A companhia de outras pessoas era uma delas. Sempre gostei de viajar com companhia de bom grado. Logo descobri que meus companheiros de viagem eram assim. Só não o motorista, que se chamava Pedro, um nome significativo. Desde muito se refere que este nome lembra pedra, a indicar força e consistência. Não é isto que se pode dizer deste Pedro, mas outras qualidades do mineral - que é duro.

Eu não consegui compreendê-lo. Talvez precisasse de muito mais paciência e psicologia. Mesmo assim, teria poucas chances de avaliar por completo um espírito mal ajustado, como ele se revelou.

Nas falas com algum de nós, ou sobre qualquer coisa, ou quando outro motorista permanecia mais lento à sua frente, ele mostrava o seu lado de pedra: não a consistência do mineral, mas sua dureza.

Tinha qualquer coisa de errado nele. Ou muitas, que brotavam naturalmente, como a água da vertente. Parecia ser natural ele não ter empatia. Parecia não fazer esforço para ser agradável, ficando a impressão de que ele era mais pedra do que Pedro.

Depois das primeiras desavenças, me dei conta do quanto ruim ia ser a viagem. Eu me senti mal quase o tempo todo. Uma pressão danada apertava o meu peito. Minha companheira de banco me olhava e seu olhar demonstrava tristeza e contrariedade. Não tínhamos como adivinhar o insucesso da viagem, a má escolha.

Viajávamos então na noite escura, perto da madrugada. Um frio intenso entrava pela janela aberta do lado do motorista. A companheira se encolheu. Não quis perguntar se era do frio ou da situação perigosa em que nos encontrávamos, adivinhando o seu desconforto.

De repente, Pedro falou alto: A gasolina está no fim. Procurem um posto de combustível aí na internet. O companheiro do banco do carona buscou resposta e não encontrou: o local era ermo e o sinal não chegava. Ele disse um palavrão. Esperei um instante para arriscar uma pergunta: se ele não tinha enchido o tanque, na última parada. A resposta foi rápida e ríspida: Não me botem pilha, já estou nervoso com a situação. Não fiquem querendo dificultar o que já está difícil. Eu silencieei e me encolhi. A companheira de banco resmungou alguma coisa e obteve resposta: Não adianta resmungar. Não me atrapalhem, por favor! Eu preciso me concentrar na direção. Vi que ela perdeu o semblante sorridente e ficou olhando pela janela os campos escuros que se alongavam à nossa volta.

Depois de uns minutos: Eu quero saber onde tem um posto de combustível. Logo vamos ficar sem gasolina e vamos ter que parar aí, na beira da estrada. O

companheiro do carona informou que achava que tinha um logo adiante. E novamente ouviu a rispidez de Pedro: Não resolve me dizer que acha que tem. Eu quero saber com certeza se tem e quanto tempo a gente leva pra chegar até lá. Ninguém sabia.

Afinal chegamos a uma vila onde tinha um posto de combustível. Mas estava fechado.

Ele estacionou o veículo, saiu e não o vimos por algum tempo. Depois descobrimos que pedia ajuda a amigos, pelo celular. E passou a se explicar para nós e seus argumentos acabaram por provocar a nossa indignação, dado o seu descontrole. Depois de um tempo de nervosa conversa, deu-nos as costas e se retirou. Passaram-se muitos minutos, então nosso companheiro procurou-o. A intenção combinada entre nós era apaziguar, certos de que a desavença era pior. Estava no veículo, chorando.

Depois de horas de espera na noite fria, um companheiro conseguiu gasolina e retomamos a viagem. No restante do caminho, o silêncio dentro do veículo era completo e constrangedor.



IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul – RS. É professor estadual aposentado e advogado. Publicou romances e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa, como também artigos na mesma linha. Publica contos regularmente em diversas revistas e participou de várias Antologias e Coletâneas de contos.

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



Agradecimentos aos nossos apoiadores:

Casa Brasileira de Livros - Roberto Schima - Mayanna Velame

você também pode apoiar, acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>



POR MÍRIAM SANTIAGO

CHIARA

Ainda hoje, pela manhã, Nicolau receberá a carta. Não tenho mais coragem e forças para olhar dentro daqueles belos olhos castanhos e expor meus sentimentos... sem condições de viver assim...

Chiara dobra a carta e meticulosamente a coloca dentro de um envelope sendo selado e entregue ao criado, que levaria sua correspondência até a casa do amado. Pede ao empregado que fosse rapidamente, para que não mudasse de ideia e ela mesma interceptasse a mensagem.

Contendo as lágrimas saiu do escritório e atravessou a sala de jantar, subiu as escadas em mármore rosa até seu quarto; ficaria lá para que ninguém a visse chorar.

A meiga Chiara desde menina tinha pela família que se casaria cedo com um homem abastado, tamanha sua beleza. Aos 15 anos a “flor napolitana” começara a receber pretendentes e sua mãe Carla, com grande apoio da irmã Francesca, tia de Chiara, também concordava que deveria se casar bem, não com qualquer um, mas com aquele que a levasse a viver em um palácio!

Tal como uma profecia, ao completar 17 anos Chiara casara-se com um herdeiro de uma importante família de Nápoles, Lorenzo Federico Nobili, que beirava os 40 anos de idade e até aquela hora da vida não levava ao altar nenhuma de suas namoradas da sociedade italiana.

Lorenzo tomou conhecimento de Chiara quando a viu trabalhando juntamente com a mãe e a tia numa festa em um dos clubes da alta sociedade, a jovem na época aos 15 anos de idade. E durante o jantar fitou a jovem de longe, prestando atenção em todos os detalhes do que ela fazia. Foi amor à primeira vista, mesmo com a grande diferença entre as idades.

Por ser de família humilde, este seria o maior empecilho para ele, além da pouca idade daquela que, sem dúvida, seria sua esposa. E este desejo latente aguardou por dois anos, foi um período interminável de discussões familiares a respeito dela, que seria sua a qualquer preço!

Sem saber o que acontecia, Chiara foi sendo preparada pela mãe e tia, aos poucos, bem devagar para não levantar suspeitas, já que a jovem teimava em se mudar para outro país, sonhava com pintura mesmo sem condições de realizar este sonho.

Aliadas a Lorenzo, que simulou uma oferta de um curso de pintura, mãe e tia levaram Chiara a participar de uma (falsa) seleção de talentos e assim a moça foi conduzida a fazer parte de um seletivo grupo de cinco jovens, que teriam como missão pintar telas, das mais diversas inspirações a comporem a sala de visita da nova casa de Lorenzo. Na verdade, queridos leitores, só para esclarecer que o milionário estava mobilando uma mansão em Nápoles, a residência após o casamento com Chiara, claro sem a menor desconfiança da bela morena, olhos verdes e corpo escultural, razão pela trama forjada para conhecê-la e seduzi-la.

E assim aconteceram as aulas, Chiara radiante com seu traço firme e tonalidades suaves compondo lindos quadros. O senhor Nobili foi conquistando aos poucos a confiança de Chiara, e para não deixar explícito o seu amor por ela, presenteou ainda todo o grupo com aulas de etiqueta, de História da Arte e de outras culturas. Ele não

enxergava a ação como gasto, mas um investimento ao tornar a futura esposa uma dama, bela, culta e com boas maneiras, quesitos tão importantes para a sociedade de 1863.

Chiara não percebera que os demais integrantes da equipe e o professor não faziam mais parte do aprendizado; era a única que ainda permanecia na casa, sob os cuidados direto de Lorenzo, que a tratava qual uma princesa!

Ao completar 17 anos, o milionário a pediu em casamento, ajoelhando-se a seus pés ao colocar em seu dedo um anel de diamantes, formalizando o compromisso. A parte do plano também beneficiou a mãe e tia de Chiara, que se mudaram para uma casa nova, mobiliada e ainda certa quantia para as despesas. O que mais a pobre moça poderia esperar da vida? Um belo marido – o homem mais cobiçado de Nápoles –, riqueza e poder. Como num conto de fadas o casamento aconteceu com a presença de várias autoridades, amigos do noivo e familiares. Chiara deslumbrante roubou todas as cenas da noite, o noivo não se cabia de tanta felicidade, tudo estava perfeito até que ao cortar o bolo do casamento com a mão do marido sobre a sua, Chiara avista ao longe, encostado em uma das pilastras da imensa sala de estar, Nicolau, o professor, seu mestre de pintura, que durante dois anos foi o responsável por sua instrução nas artes, dedicado, gentil e inteligente, o rapaz, pouco mais velho que ela e de uma beleza rústica, admirava-a com orgulho por ter conseguido moldar a moça aos padrões exigidos pelo milionário.

Chiara sentiu um aperto no peito, uma angústia, compreendendo e enxergando pela primeira vez o verdadeiro dono de seu coração e pelo modo como ele a observava, sentiu o amor ser correspondido.

A moça já não era mais a mesma ao entrar na carruagem que os levaria ao cais de Molo Beverello para uma das ilhas de Nápoles, onde passariam a lua de mel. A diligência prosseguia passando por uma avenida com palácios maravilhosos, pelo Santuário del Carmine Maggiore, mas nada parecia ter importância para ela, a mente lhe enviava a imagem de Nicolau repetidamente desestruturando seus sentimentos.

— É natural meu amor, sei que está nervosa, mas digo-lhe que não se preocupe, venha cá, descanse um pouco em meu ombro, diz o marido segurando a mão da esposa.

Já na ilha e a sós com Lorenzo, que lhe serviu vinho para que ficasse mais relaxada e solta, e assim como o marido pensasse ser o medo da consumação do casamento, não era isso que a moça temia, e sim, a entrega de seu amor a quem não amava, seu casamento era uma farsa!

Com paciência e amor oferecido Lorenzo teve em seus braços a esposa, que mesmo sem ter vontade correspondeu aos beijos e carícias à latente luxúria do marido.

Em seu quarto e enxugando as lágrimas que pingavam ao travesseiro, pensando que Nicolau àquela hora já estava de posse da carta, Chiara divagava em suas lembranças da primeira vez que o viu. Ele cumprimentou os cinco alunos e iniciou o curso de pintura. Orientado por Lorenzo a moça, a que seria a futura esposa do milionário era o alvo, a pessoa a quem deveria dedicar-se a torná-la capaz no ofício da brilhante arte da pintura e assim o rapaz fez seu serviço, mas a convivência e a dedicação constantes mexeram com seus sentimentos, a sedução da beleza e perfeição tocou o coração do artista, que mesmo sem demonstrar, apaixonara-se por Chiara.

Após o casamento ela conseguiu que o marido contratasse novamente o pintor Nicolau, o mestre, que a manteria afinada nos pinceis e informada, assim a sua indagação para que retornasse às aulas. O apaixonado marido fazia de tudo para manter a esposa feliz ao seu lado e não percebendo o amor dela pelo pintor, consentiu que a esposa fosse aos estudos no ateliê do artista.

Três vezes por semana ela abria o portão da casa de Nicolau, passava pelo belo jardim de rosas vermelhas, brancas e amarelas, a flor predileta do artista e batia a porta levando a maleta de pintura. Nicolau a recebia com um sorriso e passavam as tardes, que no início era somente com os traços afinados de telas com as mais diversas paisagens e no decorrer das aulas a proximidade entre eles cresceu a ponto de carícias. As artimanhas do amor explodiram em desejos, pois assim era a paixão dos jovens amantes.

O romance teve seu ápice quando o marido de Chiara viajou para a Grécia a negócios da família, ficando a esposa livre de horários, dedicando-se à pintura em quase tempo integral na casa de Nicolau. Chiara nunca esteve tão feliz em sua vida porque este homem era seu verdadeiro amor.

Porém, a jovem mulher em sua inexperiência de vida não percebeu que o marido deixara a governanta e o jardineiro – disfarce imperceptível de um dos jagunços, que vivia metido no imenso jardim da mansão escondido entre plantas e flores – e ao chegar de viagem, Lorenzo tomara conhecimento de tudo.

E foi este mesmo jardineiro quem interceptou a carta de Chiara que sem forças e coragem de falar a Nicolau que não conseguia mais seguir com o romance, escrevera-lhe rompendo com ele.

Desgostoso do casamento Lorenzo arquitetou um plano para castigar os amantes.

- Desgraçados! Grita com um soco na mesa ao ler a carta da esposa ao pintor. Em pensar que o conheceu logo após terminar os estudos, o contrato de exclusividade na farsa do curso fora o seu primeiro trabalho e muito bem pago. Roubou o amor de minha vida, dormiu com ela e acha que ficará impune? Não, ele receberá o que merece!

Reuniu cinco, incluindo o jardineiro capanga e partiram para o ateliê do artista. Lá, Nicolau obrigado e sob ameaças escreveu de próprio punho e fechando o envelope o selo artístico uma carta, se despedindo de Chiara, nas poucas linhas friamente dizia que seu tempo na Itália terminara. Partiria ainda naquele dia para a França, para novas conquistas. Antes de assinar, a mensagem continha um agradecimento à moça pela grande quantia monetária, suficiente para investir em outros planos, não tendo mais espaço em sua vida a presença dela.

O pintor foi levado ao cais pelos jagunços e antes de embarcar obrigado a brindar com uma taça de vinho. Os empregados de Lorenzo permaneceram no porto até o navio partir, certificando-se para que não escapasse. E por certo não escaparia mais de nada...

A vergonha maior coube à Chiara. Recebendo a suposta carta de Nicolau, a esposa parte para a casa dele com os olhos cheios de lágrimas e o coração ofegante, não acreditando. Ao chegar, não se dá conta da armação. Fecha o portão e bate a porta como de costume. O silêncio a fez abri-la. Entra e sobe as escadas apressadamente erguendo bem o vestido para não tropeçar. Ao chegar ao quarto não vê as roupas de Nicolau. Ainda assim grita seu nome pela casa sem encontra-lo. Desorientada a pobre mulher retorna à sua mansão.

No dia seguinte, após o desjejum, o marido pede-lhe que se arrume, pois iriam sair.

Na carruagem Chiara não tinha ideia de onde iriam. Sem prestar muita atenção no caminho, já que passara a noite em claro chorando, adormeceu e acordou com o barulho dos cavalos batendo o chão duro em pedra da entrada do Mosteiro de Santa Chiara de Naples, local que teve origem como capela do tribunal, dedicado às manifestações religiosas. A engenharia projetou um convento franciscano para os frades, uma igreja, um claustro, torre que leva o nome de Santa Clara da presença das freiras de clausura.

Sem entender direito o que acontecia, Chiara fora recebida pela madre superiora, que estendeu a mão a ela, ajudando-a a descer. Sem tempo para abrir a boca foi colocada para dentro por duas freiras, que a conduziram a seus aposentos.

Na porta, Lorenzo apertou a mão da madre deixando dois sacos pesados, quantias para manter a esposa naquele local. Aliás, era um dinheiro extra à superiora, já que o monastério recebia grande ajuda monetária de sua rica família.

Chiara não chorou ao ver suas lindas madeixas caírem ao chão. Ao passar a mão na cabeça, o cabelo rente completou o visual com uma túnica marrom e recebeu ainda um lenço branco para cobrir a cabeça, além das sandálias em couro.

Ainda sonolenta após o trabalho de parto Chiara não conseguiu ver direito a criança saída de seu ventre. O menino foi limpo, embrulhado em uma toalha e levado pela madre. A pobre mulher não pôde ver seu filho e nada soube do bebê. Da janela de seu quarto viu apenas quando uma carruagem adentrou o convento e levou a criança.

Na mansão, Lorenzo sorri ao receber o menino.



Sobre a autora:

Miriam Santiago: jornalista e formada em Letras. O “Livro Negro dos Vampiros” foi o start para a divulgação de várias histórias sobrenaturais, publicando ainda contos em gêneros diversificados.

Também participante ativa da extinta Revista TerrorZine.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com>

Contato: miriansssantos@gmail.com



**É LENDO QUE VIAJAMOS
O MUNDO E CONHECEMOS
OUTRAS REALIDADES**

Siga-nos no Instagram: 

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura

www.revistaconexaoliteratura.com.br



ABAÇARATEÚNA

POR NEY ALENCAR

“Dizem que elas tinham penas, cabeças de galo, asas e braços humanos, com grandes garras; seios, barrigas e partes femininas humanas.”

— Pseudo-Hyginus, Fabulae 14

1680. Matas Virgens do Novo Mundo.

A lua nasceu no horizonte adormecido e banhou as copas das tamarineiras, dos jatobás, das gabirobas e dos jacarandás que ondulavam como um vasto oceano verde cobrindo a mata!

O som vago do ranger de seus troncos velhíssimos se movendo ecoava sinistro pela noite, naquelas matas cheias de pupunha e tucumanzera.

Seus raios desceram por uma gabiroba alta e no pé desta iluminaram as mãos pequeninas e furadas de um saci que tirava baforadas compridas de seu pito de barro.

Um vento rodopiante correu pela mata vindo das bandas do mar, com o gosto salgado da maré e de algo mais.

Um odor estranho que fedia à canela forte e coisa morta.

O saci parou, assombrado.

Nunca tinha sentido um odor daquele na mata.

Era bicho desconhecido!

Nem Curupira, nem Caapora, nem Lobisomem fedia assim!

Seus ouvidos se aprumaram e ouviu um grito distante que ecoou solitário só uma vez e depois calou-se.

Um grito alto, solto e curto, horrível de se escutar.

— ÔÔÔÔÔÔôpaaa! ÔÔÔÔÔÔôpaaa!

Era o grito do Mapiinguari!

Que bicho seria tão assombroso que pudesse calar aquela criatura?

Tentou ouvir, foi então que notou o silêncio que empesteara a mata.

Nem assobio do Curupira ele escutava.

Nem matinta, caxambira ou rasga-mortalha, nem urutau, bacurau ou noitibó cantava!

Um assombro estranho começou a tomar conta dele.

Que bicho era aquele que até a ele queria assustar?

Distante ouviu um tropel, uma galopada doida e um brilho de fogo fosco por entre as perobeiras mais distantes que logo se afastou e sumiu.

Até a mula sumiu!

Nada parecia vir para ali!

Um certo horror começou a tomar conta dele, será que era bicho novo trazido pelos homens de além mar? Algum bicho fantasma de outras terras?

Apagou o pito de barro e guardou as brasas, ajeitou a carapuça.

Pulou devagar quase sem fazer barulho, pé ante pé, foi andando pela mata seguindo aquele fedor estranho, aquela trilha de medo!

Súbito um miado rouco ribombou pela mata e lhe pregou um susto danado!

Era onça e das grandes, pensou o saci com um arrepio e um sorriso.

Mas onça não afastava os fantasmas da mata, tinha outro bicho ali.

Dito e feito!

Logo em seguida a onça miou de novo, um miado estrangulado cheio de terror que terminou abruptamente num soluço seco.

“Algum bicho pegou ela!”, pensou de novo o saci cauteloso.

Pulou rápido com seu único pé na direção de onde viera o miado.

Quando foi se aproximando ouviu o som horrível de algum bicho comendo o outro, o ruído seco de ossos estalando e partindo.

Se aproximou devagar, se escondendo pela mataria e ficando invisível na escuridão da noite. Não queria chamar atenção!

Foi então que a viu!

As asas pretas e cinzentas, ciclópicas, dobradas como um gavião e iluminadas pela luz da lua cheia, as garras enormes e unhudadas cravadas no corpo mole da onça e o corpanzil curvado devorando o que restava da presa sofregamente.

Já nem respirava o saci!

Um medo assombroso tomou conta dele, tremia como vara verde diante de tal visão hedionda.

Sua perna nem se movia, pregada que estava no chão, tamanho medo o montava naquele momento.

O horror, porém, veio quando ela voltou-se e olhou com o rosto de mulher para a escuridão da mata, quase como se pudesse ver que ele estava ali bisbilhotando sua caçada!

Os lábios ensanguentados se entreabriram em um sorriso sarcástico e os olhos verdes fulgiram como esmeraldas em fogo, os cabelos compridos e loiros esvoaçando acariciados com cuidado pelo vento da mata.

Seus lábios avassalados pelo terror conseguiram apenas murmurar:

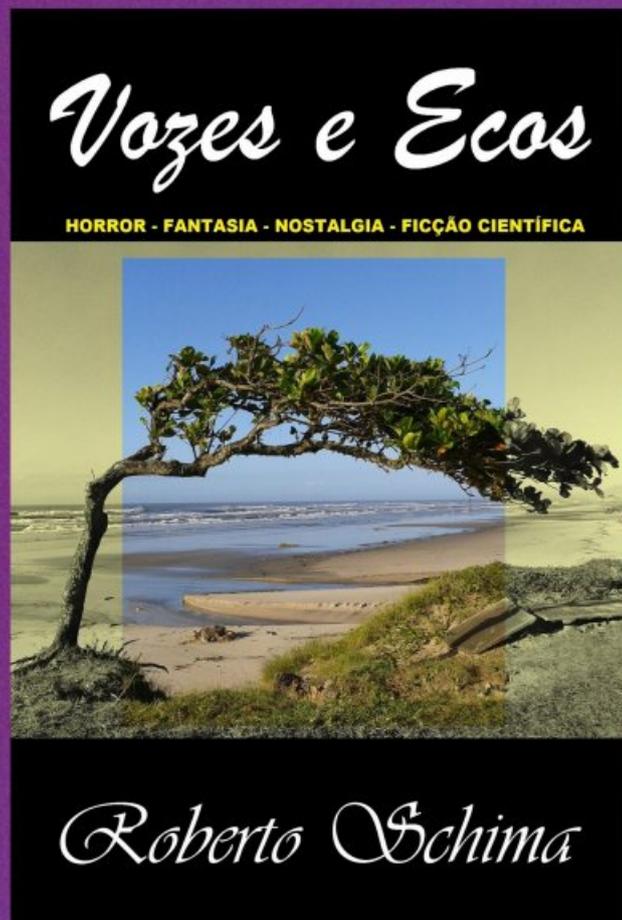
— Abaçaraiteúna!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 357 contos publicados em 66 e-books e em 124 antologias. Possui 06 livros publicados.



Aos 14 anos, minha mente vivia povoada por criaturas fantásticas. Monstros dos mais variados tipos conviviam com estranhos guerreiros espaciais. Quase meio século depois, continuo a amar os monstros, por mais que possam me amedrontar. Na forma de contos, eles ainda perambulam dentro de mim ao lado de pequenos dramas do cotidiano. Em mais de seiscentas páginas, "Vozes e Ecos" traz de tudo um pouco: lobisomens, andróides, vampiros, palhaços, o Homem do Saco, Umibozu, fantasmas, fábulas, amores não concretizados, mitologias, conflitos espaciais e uma pitada de melancolia. Traz, ainda, alguns poemas, crônicas e ilustrações.



DO AUTOR ★
ROBERTO SCHIMA

PARA ADQUIRIR
O LIVRO



LIVRO FÍSICO:

- UICLAP: [HTTPS://LOJA.UICLAP.COM/TITULO/UA26489/](https://loja.uiclapp.com/titulo/ua26489/)
- VERSÃO CAPA DURA: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS-2](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos-2)
- CLUBE DE AUTORES: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos)
- PERSE: [HTTPS://WWW.PERSE.COM.BR/VOZES+E+ECOS-12322.HTM](https://www.perse.com.br/vozes+E+ECOS-12322.htm)
- E-BOOK NA AMAZON: [WWW.ENCYRTADOR.COM.BR/CDTR5](http://www.encyrtador.com.br/cdtr5)





GONJIRO

POR ROBERTO SCHIMA

Gonjiro preparava-se para sair com sua mãe.
 Havia alívio em seu olhar.
 Livre do medo.

Deles.

Miyazuru Shimada, a mãe, pretendia comprar alguns peixes, algas desidratadas e arroz, não obstante o racionamento do pós-guerra.

— Vamos? — indagara ao filho de sete anos.

— Eba! — respondera a criança.

A mãe franzira o cenho.

Tal euforia não era uma atitude comum da parte dele. Habitualmente, seu semblante era melancólico, e não seria ela quem iria culpa-lo. Dada a sua natureza retraída, Gonjiro não tinha amigos de sua idade, fosse pela vizinhança ou na escola. Exceto quando ia à escola, evitava sair para além dos limites do quintal a fim de não se deparar com estranhos. Preferia o isolamento do seu pequeno mundo no quarto ou na sala, onde ficava lendo *mangás*, desenhando monstros num bloco de papel ou escutando histórias de fantasmas junto ao rádio. Outros garotos achavam-no esquisito, maluco a bem da verdade, quando dele se lembravam.

Em verdade, Miyazuru até preferia que Gonjiro fosse assim. Ao menos, sabia exatamente onde o menino se encontrava, ao contrário de outras mães cujos filhos rebeldes perambulavam pelas ruas do vilarejo, a fim de roubar alguma coisa.

A II Guerra Mundial arruinara o Japão e, conforme era de praxe, a população pagava um preço bastante alto pela prepotência e ambições de sua elite abastada, fosse ela civil ou militar. As atrocidades que seus soldados cometeram na China, Coréia, Filipinas e outros países não seriam esquecidas tão cedo, talvez nunca. Quem poderia culpá-los?

Quanto ao próprio Gonjiro, sua ansiedade por sair, contrariando a sua natureza, tinha uma razão:

Os monstros.

Sim, ao menos por algumas horas, ficaria longe das criaturas apavorantes. Nutria uma relação e temor e afeição por eles que não sabia explicar.

Temor por razões óbvias, afinal, eram monstros.

Afeição porque, bem ou mal, nunca lhe feriram realmente, e representavam a única companhia — além de sua mãe — com a qual possuía alguma familiaridade e, até, afinidade.

Claro, esses monstros viviam mais na mente do menino. Eram as criaturas sobrenaturais ou do espaço sideral que lia nos *mangás*, ouvindo os relatos no rádio ou as histórias contadas por algum idoso sobre *kamis*. Também cuidava de criar seus próprios monstros através das ilustrações que fazia a lápis, cada um mais terrível do que o outro: olhos esbugalhados, chifres recurvados, quatro membros dianteiros, garras afiadas, caninos imensos, cauda de escorpião, crista de lagarto, tentáculos de polvo, ferrões de abelha, asas de morcego, músculos de aço, aspecto de réptil ou de inseto. Os tamanhos também variavam na sua imaginação: podiam ser tão pequenos a ponto de se ocultarem dentro de armários ou tão enormes quanto o Monte Fuji. E havia os monstros sem forma ou dimensão alguma, incapturáveis pelo grafite, como algo escuro num canto da casa só a

espera do anoitecer a fim de sair e amedrontar aqueles que dormiam. Esses eram os piores.

No momento, era justamente dos monstros invisíveis que Gonjiro estava com medo por causa de uma história em quadrinhos que acabara de ler. Sozinho no quarto, a medida em que a coisa no *mangá* surpreendera suas vítimas, o aposento dera Gonjiro a sensação de se tornar mais sombrio e gelado, cada canto espreitando, aguardando, ansioso por emergir das frestas do *tatami*.

Fora com alívio, pois, que recebera o chamado da mãe para saírem.

Talvez a própria Miyazuru sentisse necessidade de companhia.

Os monstros possuíam formas distintas de se manifestarem.

— Como é, Gonjiro, vai ou não vai?

— Tô indo! Tô indo! Tô indo!

— É pra hoje, menino.

— Tô indo!!!!

O garoto ansiava por sair de casa um pouco, inspirar o ar livre e salgado vindo do mar, diante do vilarejo de Ashiken, em Amami Ōshima. Ah, sim, havia os monstros marinhos e os sussurrantes *kamis* em meio às florestas ou nos canaviais, porém, sob o Sol e céu claro era mais fácil encará-los. Dentro de casa, por mais seguro que fosse o seu refúgio, era sempre sombrio, silencioso e sem horizontes. Ademais, teria sua mãe ao lado para protegê-lo de todos os perigos.

A mãe insistiu, impaciente:

— Apresse-se!

— *Ha!*

Livre do pijama, trajando camisa, *short* e meias, correu diante do santuário da família. Parou, voltou e fez uma reverência. Havia o retrato do pai, morto em combate, uma pequena tigela de arroz branco, incensos e uma fruta. Como um espírito poderia se alimentar era um mistério para ele, um dos muitos, aliás, que o mundo reservava. Sentia falta do pai — homem bem apessoado e imponente —, apesar de ter sido sempre uma figura de poucas palavras e demonstrações de afeto. Mas transmitia força e segurança. Tudo parecia possível diante dele. E de todas as coisas ele aparentava ter conhecimento. Agora se reduzira, literalmente, cinzas, e o chão deixara de ser tão firme. O fato do pai ter se tornado um espírito tampouco transmitia tranquilidade.

O dia estava radiante; o céu azul, coalhado de nuvens.

Era gostoso sentir a brisa afagar os cabelos.

E o cheio do mar era delicioso.

Gonjiro e Miyazuru caminharam pelas ruas quase desertas. Algumas mulheres idosas cumprimentaram, fazendo mesura. Apesar dos sorrisos, havia pesar em seus olhos. O ronco dos aviões, o zunido das bombas e suas explosões em terra pincelavam de matizes cinzentos a colorida tela de suas memórias. Os lembretes da guerra estavam por toda parte, principalmente, no âmago de cada um.

Após caminharem alguns quarteirões, Gonjiro avistou a feira. Bambus e lonas remendadas faziam-se de barracas. Algumas exibiam utensílios amassados, recuperados dos escombros; outras, tubérculos mirrados e verduras murchas. Miyazuru o guiou até o vendedor de arroz. Se as senhoras do caminho haviam sorriso, não havia sorriso algum

no rosto vincado do feirante, por mais cortês que tivesse sido o cumprimento da mulher e do filho.

O menino observou a fisionomia severa do vendedor. Sem pensar, deixou-se ficar atrás da mãe, intimidado. Ao menos o arroz — *gohan* — estava bonito. Devia ser o único sinal de beleza, saúde e vigor naquele lugar. Os arrozais eram a alma do povo japonês. Não importava a intensidade do tufão, as hastes douradas se curvavam rentes ao lamaçal, mas, passada a tormenta, reerguiam-se fortes e orgulhosas diante do alvorecer de um novo dia. Não por acaso, aquela era a Terra do Sol Nascente.

O Japão vivia o final do pior tufão que jamais enfrentara. Cedo ou tarde, a sombra da calamidade iria embora, porém, não hoje, não agora.

Miyazuru barganhou com o vendedor de arroz. Com dor no coração, mostrou-lhe a imagem de um pequeno buda de jade, única peça valiosa que possuía, uma relíquia do Período Edo herdada de sua bisavó pelo lado paterno. O vendedor fez ar de pouco caso e aceitou como se fizesse uma concessão, embora ciente de que a peça valeria ao menos dez vezes mais do que os grãos que a mulher levaria.

Gonjiro acompanhou a transação sem prestar atenção àquilo que era discutido. Chamou-lhe a atenção o vendedor. O homem de meia idade não tinha a perna direita e movia-se com dificuldade, utilizando uma muleta improvisada de um pedaço de pau. Seu olhar fixo podia ser interpretado como falta de educação, grosseria, contudo, e vendedor não se ofendeu. Ante o olhar intrigado do garoto, falou:

— Foi da guerra, *kodomo*.

Miyazuru se adiantou, pedindo desculpa pela insolência do filho.

— Não tem importância — falou o vendedor —, vê-se que é um bom menino. Como é seu nome, garoto?

— Gonjiro Shimada, senhor vendedor.

— Oh, Gonjiro! Tive um amigo com esse nome... Pobre infeliz! Mas como eu disse, perdi a perna na guerra. Foi durante um bombardeio. A gente escutava um zumbido, ficava mais e mais alto. Depois, a explosão que parecia estourar os ouvidos. O chão tremia. Terra, tijolos e cacos de telha voando para todos os lados. Ah, e o medo, muito medo de que o mundo fosse acabar. Bem, de certo modo, o meu mundo acabou. Mas não foi por causa dos americanos, não diretamente. Fiquei assustado com as explosões, corri feito doido e entrei numa zona proibida. Pisei numa mina. Sabe o que é uma mina?

— Não, senhor.

O vendedor franziu a testa.

— É um tipo de bomba, *kodomo*. Sabe o que é uma bomba, não sabe?

— Uma coisa que faz barulho.

O vendedor balançou a cabeça em aprovação, apesar de estranhar a ignorância do menino em relação ao conflito.

— Como falei, pisei na mina. *Baka*, né? Daí, perdi a perna. Podia ter sido pior, como aconteceu com meu companheiro Gonjiro. Não sobrou nada dele...

Miyazuru, concluída a transação, quis logo sair dali.

— Vamos, Gonjiro, vamos comprar *tamago*!

Mas os pés do menino não se mexeram.

— O que aconteceu com ele?

A mãe se mostrou aflita:

— Vamos embora!

Ela sempre procurara poupar ao máximo o filho dos horrores da guerra. Ainda que a ilha não fosse um alvo militar em potencial por ser lar de pescadores e lavradores, tinha valor estratégico na conquista de ilha em ilha que os americanos vinham fazendo a partir do sul. Amami Ōshima ficava no meio do caminho e, durante a guerra, se não tivesse havido a rendição incondicional, o pior teria ocorrido: as batalhas suicidas, civis jogando-se dos penhascos, carnificina. Mas as bombas atômicas caíram sobre Hiroshima e Nagasaki. O Imperador fizera seu pronunciamento à nação no sentido de suportar o insuportável. A guerra no Pacífico terminara. Miyazuru jamais pronunciara em voz alta a ambiguidade de suas emoções: as bombas atômicas foram uma monstruosidade sem precedentes, uma ignomínia genocida, contudo, também forçaram a rendição e impuseram a paz. Sua ilha estava livre dos americanos. Seu filho fora salvo.

— Vamos, Gonjiro!

O menino resistiu.

O vendedor, vendo o estado da mulher, falou:

— Deixa pra lá, *kodomo*. Isso não é assunto de criança. Seu pai nunca lhe contou sobre a guerra?

— Papai morreu em Okinawa.

O semblante carrancudo do homem suavizou. Quando tornou a falar, sua voz soou surpreendentemente gentil:

— Compreendo. Ele foi um herói. Deu a vida para que você e sua mãe vivessem. Jamais se esqueça disso, *kodomo*.

Foi até o fundo da banca, apanhou um pedaço de jornal, escreveu alguma coisa nele e, sem que mãe e filho vissem, embrulhou algo no papel e passou ao menino.

— Tome, guarde com você.

Miyazuru, desconfiada, quis recusar.

O vendedor ergueu a mão.

— Satisfaça a vontade de um aleijado. É apenas uma recordação para ele.

Relutante, ela aceitou e viu o filho enfiar o pequeno embrulho no bolso do *short*.

Gonjiro deixaria para ver o conteúdo em casa, pois, caso não gostasse, não faria a descortesia de demonstrar descontentamento diante de quem o presenteara.

— *Arigatô gozaimasu!* — agradeceu.

Então, os olhos da criança se estenderam para as plantações de arroz mais além. Balançavam em conjunto ao vento como se fossem ondas de um oceano dourado. Não obstante os efeitos da erosão e do plantio, delineou os rastros de crateras deixados por alguns projéteis. Além do terreno ferido, havia ruínas de casas destruídas. Imediatamente, lembraram-lhe pegadas dos monstros gigantes que ele tão bem conhecia.

Sua mãe acompanhou o olhar do menino. Ficou em silêncio, presa pela lembrança do marido, queimado vivo por um lança-chamas, da cerimônia do funeral, do desamparo, da dor.

— Guerra estúpida! Nem vencidos, nem vencedores, nem bravura, nem honra. Só sofrimento, tristeza e desespero. Todos estúpidos!

Tanto o vendedor de arroz quanto Gonjiro se espantaram.

Em geral, Miyazuru era uma mulher contida — conforme ditava a rígida etiqueta japonesa —, hábil em ocultar seus sentimentos, principalmente diante de estranhos. Aquela alteração tão repentina e aberta assustou o filho.

— Tudo bem, mamãe?

— Lamento se perturbei sua paz interior — disse o homem mutilado. — A guerra permanece viva em nosso corpo e dentro de nós.

— E não morrerá enquanto falarmos dela! — desabafou a mulher, lágrimas nos olhos, desculpando-se em seguida: — *Gomen nasai! Gomen nasai! Gomen nasai!*

Sem entender o porquê da raiva e da tristeza da mãe, Gonjiro começou a chorar e pedir para retornar para casa. Ainda era novo demais para compreender que seus monstros imaginários eram infinitamente menos terríveis do que a monstruosa realidade da guerra ou do quanto certas pessoas podiam ser cruéis.

Voltaram para casa.

As sombras persistiram.

A friagem era uma constante.

O silêncio continuava a intimidar.

Mas todos os monstros dentro da casa, na imaginação de Gonjiro, nos filmes, no rádio, nos mangás, não transmitiram o temor que ele sentira diante das ruínas, do pranto de sua mãe e sob as palavras do vendedor sem perna: "... *Não sobrou nada dele...*"

Dentro do quarto, havia alívio em seu olhar.

Encontrava-se livre do medo da guerra.

Estava junto de seus monstros.

Eles o protegeriam.

Ao recordar-se do homem da feira, enfiou a mão no bolso do *short* e tirou o embrulho tosco de jornal. Abriu. Arregalou os olhos e gritou:

— Mamãe!

Miyazuru se mostrou igualmente surpresa.

Era o pequeno buda de jade.

— É seu — disse o menino.

Numa rápida garatuja, o vendedor escrevera no jornal:

"A guerra destruiu muita coisa, inclusive minha perna, mas não me levou o senso de dignidade."

Dessa vez, Miyazuru conseguiu evitar de chorar.

O coração de Gonjiro se aqueceu diante do sorriso dela.

NOTA DO AUTOR:

Esta história foi um pretexto para resgatar um pouco do passado que eu mesmo praticamente ignorava. Pelo lado paterno, meus avós são originários da ilha de Amami Ōshima. Meu avô, Suminori Shima, era do vilarejo de Ashiken; minha avó, Fuji Sato (sobrenome de solteira), do vilarejo de Buren, em lados opostos a um braço de mar. Segundo a Wikipédia: "... Até 1624, Amami Ōshima era parte do Reino de Ryukyu. A ilha foi invadida por samurais do clã Shimazū em 1609 e sua incorporação nas explorações oficiais desse

domínio foi reconhecida pelo xogunato Tokugawa em 1624. O governo Shimazu era rígido, com os habitantes da ilha reduzidos à servidão e forçados a plantar cana-de-açúcar para dar conta dos altos impostos, que frequentemente resultavam em fome..." Talvez isso explique em parte o porquê da imigração para o Brasil séculos depois. Também corrobora um relato de meu avô sobre um de meus ancestrais, por parte da avó, ter sido um especialista holandês no cultivo de cana-de-açúcar. Através do Google Maps pude fazer um pequeno passeio pelos vilarejos, complementado por vários vídeos no YouTube sobre Amami Ōshima. Ah, uma última observação: Gonjiro e Miyazuru eram os nomes dos pais de minha avó paterna.

Sobre o autor:

Roberto Schima é Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot, e *Obook*, de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei até o momento de trezentas e dezanove antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

Revista Conexão Literatura

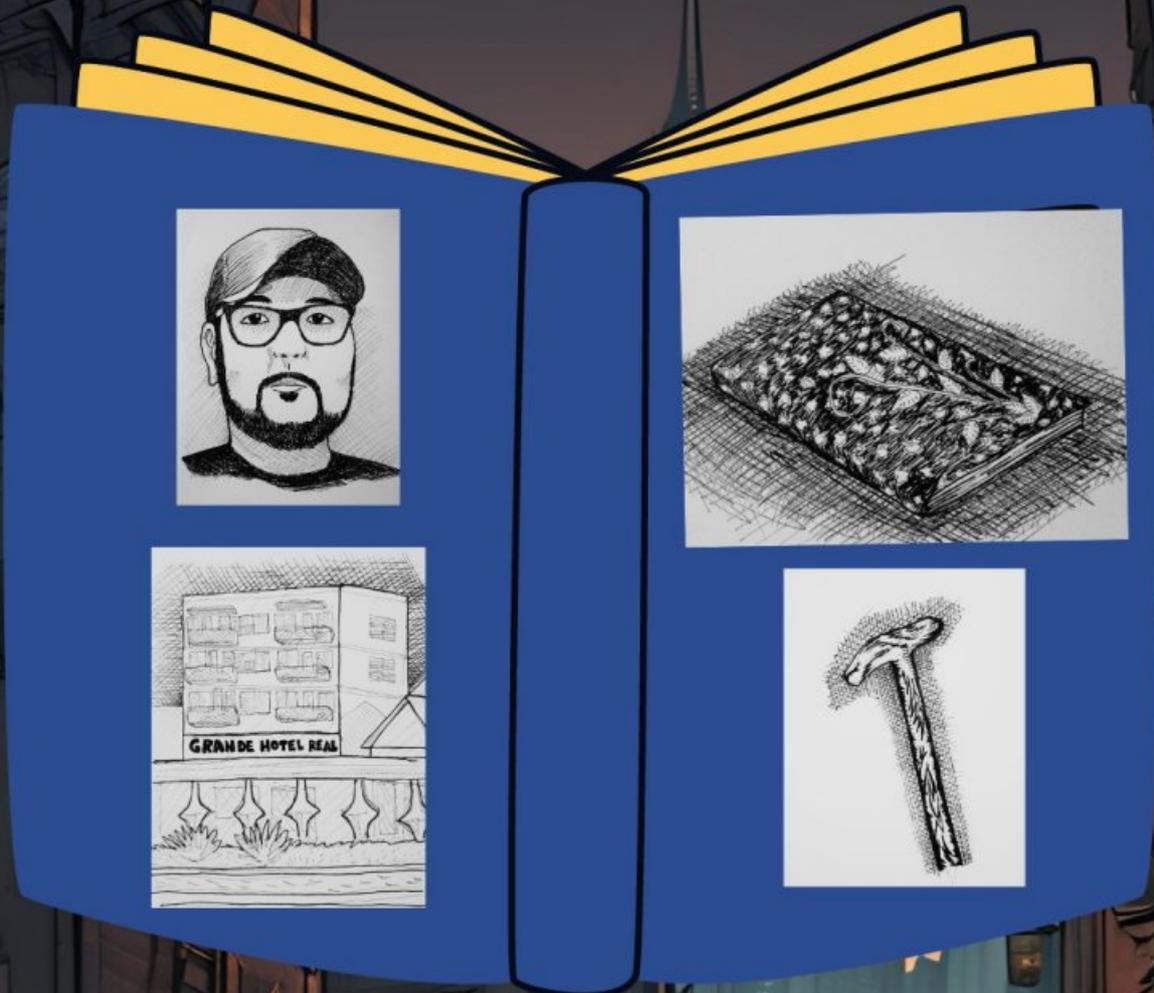
BAIXE AS EDIÇÕES

ANTERIORES



DOWNLOAD

www.revistaconexaoliteratura.com.br



O PRIMEIRO CASO

Crédito das imagens: Edgar Loeser
@edgarloeser

POR LUIZ F. HAIML

É o segundo dia do inspetor Yoshida num dos apartamentos do antigo Hotel Real. Aprovado em concurso, foi designado então para uma cidade bem longe da que vivia. Mesmo assim aceitou. Passado o fim de semana, começará no Setor de Investigação da DP de Taquara.

Yoshida liga um pequeno ventilador e espicha-se no sofá-cama da sala com um pacote que chegou a ele de modo inusitado. Achou-o numa pequena e surrada mala, num armário também não muito novo, logo ao se instalar no Real. Bem lacrado com fita adesiva, não há inscrições em seu exterior. Curioso, o inspetor rasga o lacre. Uma agenda. A capa traz um aplique em relevo madrepérola com rosas pintadas à mão. A contracapa, revestida de uma camurça leve e fina, não ostenta nenhuma decoração.

Yoshida folheia as primeiras páginas, acha as iniciais J. D. S, e junto: março, 1972, Porto Alegre. Os registros, no entanto, iniciam apenas nos meses finais.

“23/11. Estou muito empolgada. M finalmente aceitou fazer um dos principais papéis. Ontem, eu e meu produtor visitamos mais alguns brechós e lojas de antiguidades na Capital. Conseguimos o que faltava para começarmos a filmar, figurinos e objetos de cena. M me emprestou uma bengala que é perfeita para um dos personagens principais. Agora estou mais tranquila, volto aos prazos do cronograma, assim as filmagens poderão se iniciar em janeiro, como planejado. M é sempre uma boa companhia. Foi divertido experimentar roupas antigas e ver as coisas mais esquisitas que são possíveis de se encontrar nesses lugares. Deixei alguns objetos na casa de G, nosso produtor; trouxe outros para meu apartamento. Levei à costureira algumas roupas para ajuste. Hoje, domingo, repassei o roteiro. Amanhã e o resto da semana serão de muita correria: ensaios, vistoria de cenários e tratos de outros detalhes.”

As próximas páginas continuam descrevendo o processo de produção do que seria um curta-metragem. Tal registro vai até 8/12. Então, há um hiato de três dias.

“11/12. Ando bem preocupada. Há dias não temos notícias de M e, agora, também de G.

16/12. Hoje eu e R nos obrigamos a ir à casa de G buscar o material que lá havia ficado.

17/12. Acordei com o estouro de algo no chão. Não foi um barulho muito forte, mas tenho o sono leve. Fui ver e era a bengala. Isso foi pelas duas horas da manhã. Meu apartamento é pequeno, então coloquei algumas das coisas que havia conseguido com G em cima do armário do meu quarto. O problema é que a beirada do armário é alta. Como a bengala “saltou” dali?

20/12. Ontem na casa de R fez-se a leitura com o elenco. Além disso, era aniversário de N. Comemoramos tudo discretamente. Para evitarmos transitar pela noite, pousamos na casa dele. Ao voltar ao meu apartamento, a bengala caída no chão do quarto. Coloquei-a então dentro do armário.

21/12. Hoje, eu e o fotógrafo repassamos os cenários das filmagens, verificando ângulos e luz a serem usados. Ao voltar ao meu apartamento, ao entrar no quarto, eis o que me espera: a bengala, aquela mesma fechada dentro do armário, estava sobre a minha cama. Só eu tenho a chave do meu apartamento. Não tenho empregada. Nenhuma outra coisa estava fora do lugar. Nada foi roubado.”

Param aqui as anotações. Yoshida, intrigado, quer saber mais. Percebe então que já esta na sua hora de ir caminhar na ciclovia. Mas o calor ainda é forte Conjeturando sobre o assunto do diário, e embalado pelo ruído do tráfego, incessante àquela hora, na RS 020, em frente ao hotel, ele adormece.

Era a sala de seu apartamento. A decoração, no entanto, estava diferente. De outra época, além disso, tinha um toque feminino.

Aliás, havia uma mulher presente ali. Sentada do outro lado de uma pequena mesa de vidro, onde alguma coisa havia, mas Yoshida, apesar de perto, não conseguia definir o que era. A mulher era miúda. Cabelos pretos curtos. Vestia uma roupa que, assim como o cenário, estava fora de moda. Havia tristeza e, ao mesmo tempo, determinação no rosto dela. Yoshida não a conhecia. Nunca a vira antes. Calculou sua idade entre 30, 40 anos. Algo lhe dizia ser ela a dona da agenda. Ela apontava o centro da pequena mesa que os separava.

O inspetor olhava para onde ela indicava, para o objeto que ele ainda não conseguira identificar. Em seguida, sem Yoshida tê-la visto pegá-lo, ela o estendeu a ele. Era uma bengala. Na verdade, era o pedaço de uma árvore que se adaptava perfeitamente à forma e ao uso de uma bengala, sem a necessidade de manipulação humana – a não ser a de um lustro que protegeria a madeira e ampliaria sua beleza natural.

Sua geometria era a de uma rústica letra ípsilon e seu todo lembrava o pescoço de uma girafa, porém mais sinuoso, cujo punho então seria a cabeça do animal. Tinha quase um metro, o diâmetro era de uns quatro centímetros, mas, apesar dessa espessura, era de uma leveza de papel. Nada pesava nas mãos, contudo, parecia aguentar, com sólida firmeza, uma pessoa adulta que dela precisasse o apoio.

Após o exame do objeto, ele buscou a mulher. Não havia ninguém na sala. Ela sumira e o lugar voltara a seu aspecto normal. Então Yoshida sentiu as palmas das mãos formigarem. Ao olhar de novo para a bengala, viu que pequeninas veias iam se desenhando por sua madeira. Ramificações que lentamente cresciam e engrossavam ao mesmo tempo em que a consistência do objeto adquiria uma densidade cada vez mais macia.

Yoshida acorda. A bengala está em seu colo, em suas mãos. Quer largá-la, soltar-se dela, não tem êxito. As veias escuras dela se adensam, se alongam e se espalham por quase toda a superfície do objeto. Yoshida então percebe, horrorizado, que o invólucro do instrumento esta adquirindo a aparência de pele humana. Não demora e as redes venosas do arrimo, que se altera, começam a ultrapassar tal tecido, o rompem, e a si mesmas, e algo como os líquidos que vão pelo interior das plantas escorrem delas em profusão. Quando nada mais da bengala resta e tudo é apenas um caos de substâncias viscosas por seus braços e pernas, Augusto Yoshida

Nota: (com muita gratidão ao Comissário Kendi E. Y, que sempre de boa cede sua imagem e seu conhecimento para que eu possa usá-los em minhas histórias).

Crédito das imagens: Edgar Loeser
@edgarloeser

Sobre o autor:

Apenas nasceu em Porto Alegre (RS), em 11.12.1964, logo virando cidadão de Taquara (RS), onde reside até hoje. Foi colunista de vários sites e jornais da região do Vale do Sinos e do Estado. Teve um espaço (Haiml e etc) no Jornal Panorama, em sua fase impressa e depois on-line, por mais de vinte anos, na qual escreveu sobre assuntos diversos. Funcionário municipal, professor, bibliotecário, cinéfilo, louco por séries, metido a *videomaker*, produz ficção, poesia e letra de música. Tem relativo sucesso em alguns concursos e participou, e está participando, de várias antologias literárias. Mora com esposa, uma filha de quatorze anos, e Dog e Flor, duas cachorras adotadas.

@luizfranciscohaiml



POR SELMA LUANNY

PASSOS PARA O COSMOS

PARTE VIII



Cap 6

O avançar.

Ano 50.000 (calendário cristão)

A humanidade conseguiu se proteger e evoluir até o ano 50.000 sem maiores perturbações, após corrigir os problemas do segundo e terceiro milênios.

Tanto na Terra quanto em Marte, o ser humano já não corria sérios riscos porque qualquer ameaça interna ou externa (como vulcões, tufões, asteroides, meteoros, cometas) era conhecida antecipadamente e enfrentada e resolvida rapidamente. E tanto a colônia marciana quanto as cidades terrestres foram construídas em áreas distantes de vulcões ativos ou potencialmente perigosos e falhas tectônicas. E os Marcianos que regressaram à Terra, há muito haviam se mesclado com os Terráqueos que nunca saíram do planeta Terra e que no início da separação tiveram que sobreviver em condições muito restritas.

E a Terra já voltara a ser um planeta saudável. As espécies que sobreviveram às catástrofes, mais alarmantes no século 21, já se diferenciavam e ocupavam todos os nichos possíveis. Os ecossistemas terrestres "iam de vento em popa".

A colônia marciana, também saudável, não dispunha de muitas condições externas para lazer a céu aberto. O seu lazer há muito já era realizado na Terra, pela disponibilidade de naves de transporte regulares entre os dois planetas.

Evolução

Quanto à evolução orgânica dos humanos, os indivíduos já chegavam a 200 ou 300 anos de vida, com o seu organismo constantemente renovado e tratado para tal.

Ou podiam chegar a milênios, pela preservação da sua consciência em Ciborgues.

100.000 anos adiante e muitos dos humanos já eram Ciborgues avançadíssimos. E a longevidade estava a poucos passos da esperada "eternidade".

Mas, nem todos queriam viver indefinidamente e, chegar a um término da sua existência, era para muitos, o descanso esperado e claramente atendido.

Com a procriação em úteros mecânicos, consolidada, nada era empecilho para se avançar sempre.

Os bebês após o nascimento eram criados por indivíduos ou casais que geralmente eram os doadores do material genético - não mais se necessitava de gametas para a fertilização. A união do material genético garantia ainda a necessária diversidade e quaisquer possibilidades de incompatibilidade e/ou mutações neste material, eram prevenidas antes da formação do novo ser.

A procriação, além disso, levava em conta um futuro avançar numa nave-mãe, de acordo com a sua capacidade.

E os indivíduos doadores do material genético eram minuciosamente avaliados quanto às suas condições físicas e psicológicas e à sua disponibilidade de criar e educar os descendentes.

Desde o nascimento até a adolescência, o ser humano era muito bem cuidado, educado e preparado para fazer parte da comunidade maior, a humanidade.

A humanidade voltou a se dedicar à vida Terrestre, então muito mais exuberante e bela, com a finalidade de tornar o seu berço planetário, um marco de resiliência para um longo futuro à vista.

E Marte definiu-se como um posto avançado de suporte à Terra.

Por estar perto do Cinturão dos Asteroides, a mineração e pesquisa robótica de asteroides eram fundamentais na fabricação e modulação de máquinas e equipamentos e na obtenção de material para combustível.

Para as ameaças externas, naves-robóticas, sempre de prontidão, eram lançadas para bloquear os potenciais objetos de impacto.

Além disso, na Lua Terrestre e na Lua Marciana Deimos (entre as duas luas de Marte, Deimos era menor mas estava mais distante do planeta, o que daria um intervalo de tempo maior, em casos de pronta intervenção) supercanhões a laser estavam sempre de prontidão para serem direcionadas contra ameaças maiores.

Futuro

Mas, pelo constante aquecimento solar e a sua futura expansão para uma gigante vermelha, o que consumiria a Terra, além de Mercúrio e Vênus, chegando próximo a Marte, a humanidade não poderia esperar indefinidamente para se preparar para uma expansão além do Sistema Solar. Os próximos milhões de anos eram vistos como cruciais para a expansão humana além do seu sistema planetário.

Providências

Estudos eram feitos e projetos testados para se conseguir construir naves que pudessem ser o máximo possível, imunes aos perigos das viagens espaciais para além deste sistema solar, no próximo um milhão de anos.

E enormes telescópios espaciais de observação e pesquisa, há muito tempo em funcionamento, conseguiam mapear os sistemas estelares vizinhos para detectar todo o tipo de mineral e moléculas de vida, complexa ou não.

Dado ao enorme gasto energético e de material, grande quantidade de equipamentos robóticos já trabalhava há vários milênios no Cinturão dos Asteroides.

Qualquer futura gigantesca nave-mãe deveria estar devidamente preparada para sobreviver e avançar por séculos e/ou milênios, com total autossuficiência. E pelas facilidades e proximidade com a área de maior fornecimento de matéria-prima, naquele cinturão, esse projeto seria totalmente finalizado na lua marciana de Deimos.

A humanidade formalizou o intento de num futuro ainda remoto mas certo, de avançar em tais naves, para os sistemas vizinhos mais promissores, especialmente se a sua estrela fosse uma anã vermelha, o que seria uma garantia provável de manutenção de condições para a vida, em média de um ou mais trilhões de anos - ao invés dos poucos bilhões que o Sol ainda teria, incluindo a sua catastrófica fase de gigante vermelha.

As naves teriam que ter um sistema que pudesse prover ação eletromagnética - menor mas semelhante à da Terra - e um revestimento adequado para se protegerem de radiação e colisões e para poderem avançar em alta velocidade - a uma fração da velocidade da luz.

(Nota de rodapé: oitava parte do conto de ficção "Passos Para O Cosmos" – partes a serem lançadas mensalmente, nesta revista)



Minibiografia: Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Você escreve?

Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal

Seleções Literárias

Filtre oportunidades
por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>





- **DIVULGUE
PARA + DE
900 MIL
LEITORES
POR APENAS
R\$ 180**

DÊ MAIS VISIBILIDADE AO
SEU LIVRO E MOSTRE A
SUA OBRA PARA
MILHARES DE LEITORES.

- **ENTRE EM CONTATO:**
- **e-mail: ademir@divulgalivros.org**

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

**DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO**



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA



O encanto dos
livros está em
nos transportar
para mundos
incríveis sem
sairmos do
lugar.



LIVROS



CAFÉ,



e uma
tarde
chuvosa



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

LEIA
MAIS

A leitura é uma das
atividades mais
fascinantes e
enriquecedoras que um
ser humano pode
realizar.

Por meio dela, somos
capazes de viajar por
mundos desconhecidos,
conhecer personagens
incríveis, aprender novas
habilidades e expandir
nossa visão de mundo.



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

Um presente da Revista Conexão Literatura



MARCADORES PARA
IMPRIMIR
E RECORTAR!



ANUNCIE

**SUA LIVRARIA,
LIVRO, LOJA,
SITE**

**SAIBA COMO:
CLIQUE AQUI**

ATENÇÃO · ATENÇÃO · ATENÇÃO



**AMOR
PELLOS
LIVROS**

MÍDIA KIT 2024

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+780 MIL +145 MIL + 5 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

E-mail: ademir@divulgalivros.org

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 700 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de ~~R\$ 2.500,00~~ por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.07.2024

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage 1 @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Fanpage 2 @conexaogramatica // Youtube: @conexaonerd